



UC/FPCE_2011

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola

Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na Subárea de Especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Doutora Sofia Major

“Better to write for yourself and have no public,
than to write for the public and have no Self”

Cyril Connolly

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola

Resumo: O presente estudo tem como objectivo a tradução, adaptação e validação do *Differentiation of Self Inventory – Review* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003) para a população Portuguesa e comparação com os resultados obtidos na validação para a população Espanhola. Esta investigação envolve duas amostras, uma com sujeitos de nacionalidade Portuguesa ($N = 470$) e uma segunda amostra com 1.254 sujeitos de nacionalidade Espanhola. As duas versões apresentam resultados semelhantes relativamente aos estudos de análise factorial e de consistência interna. Estes mesmos resultados abonam favoravelmente para a similitude da compreensão do construto, representando uma aproximação à confirmação da hipótese da universalidade da Teoria de Bowen para ambas as populações. O conceito de Diferenciação do *Self*, medido nesta investigação através do IDS-R, parece ser aplicável à população Portuguesa e à Espanhola. Este é um estudo exploratório que deverá servir de suporte para novas investigações sobre a Diferenciação do *Self* em Portugal e Espanha.

Palavras-chave: Diferenciação do *Self*, DSI-R, IDS-R, População Portuguesa, População Espanhola.

The Differentiation of Self Inventory - Review: Studies of translation and adaptation to the Portuguese population and comparison with the Spanish version

Abstract: The aim of the present study is the translation, adaptation and validation of the *Differentiation of Self Inventory - Review* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003) for the Portuguese population and comparison with the results obtained in the validation for the Spanish population. This research includes two samples, one of Portuguese subjects ($N = 470$) and a second sample of 1.254 Spanish subjects. The two versions show similar results on the factor analysis and internal consistency studies. These same scores are favorable to the similarity of understanding of the construct, representing a close confirmation to the hypothesis of the universality of Bowen's Theory for both populations. This is an exploratory study which should support further research on the *Differentiation of Self* in Portugal and Spain.

Key Words: Differentiation of Self, DSI-R, IDS-R, Portuguese Population, Spanish Population

Agradecimentos

À Doutora Sofia Major, ao Dr. Martiño Rodríguez e à Professora Doutora Ana Paula Relvas, por me darem as raízes do conhecimento que me permitiram construir esta tese e crescer como profissional.

À Cátia, por me acompanhar neste crescimento, mesmo quando os nossos ramos se diferenciaram.

À Cremilde Loureiro e ao Victor Barreira pela sua ajuda, uma das primeiras folhas desta tese.

À Sara e à Jacinta, pelo florescimento de um outro ramo. Pela força e apoio.

À Cathy, ao Jim e ao Lobo, pelas emoções partilhadas que tornaram este ramo mais Humano.

À minha Família, tronco da minha vida, pelo suporte, pelo amor...

A todos os que tornaram este ramo na árvore da minha vida mais verde e mais florido,
Muito Obrigado.

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| I -Enquadramento Teórico..... | 2 |
| 1.1 Conceitos chave da Teoria de Bowen..... | 2 |
| 1.2 Diferenciação do <i>Self</i> – Definição e delimitação do conceito..... | 5 |
| 1.3 Instrumentos de avaliação da Diferenciação do <i>Self</i> | 7 |
| 1.4 <i>Differentiation of Self Inventory – Review</i> (DSI-R) | 9 |
| II – Objectivos..... | 12 |
| III – Metodologia | 12 |
| 3.1 Selecção da Amostra..... | 12 |
| 3.2 Instrumentos..... | 13 |
| 3.3 Procedimento e Tratamento Estatístico dos Dados.. | 15 |
| 3.4 Caracterização da Amostra Portuguesa e Espanhola..... | 16 |
| IV – Resultados..... | 17 |
| 4.1 Estatísticas Descritivas dos itens do IDS-R..... | 17 |
| 4.2 Estudos de Validade de Construto..... | 21 |
| 4.2.1 Análise Factorial do IDS-R para população Portuguesa..... | 21 |
| 4.2.2 Análise Factorial do IDS-R para população Espanhola..... | 23 |
| 4.3 Estudos de Precisão..... | 25 |
| 4.3.1 Consistência Interna..... | 25 |
| V – Discussão..... | 27 |
| Conclusão..... | 32 |
| Bibliografia..... | 34 |
| Anexos | |

Introdução

No campo da terapia familiar, a Teoria de Bowen é reconhecida como uma das explicações mais compreensivas do desenvolvimento de problemas psicológicos, do ponto de vista sistémico e multigeracional (Nichols & Schwartz, 2007; Skowron, 1995). No entanto, embora esta seja uma teoria com vasta difusão e visibilidade no mundo Sistémico, são poucos os estudos empíricos realizados para comprovar a sua validade. Assim, o presente estudo irá incidir sobre o processo de tradução, adaptação e validação para a população Portuguesa de um inventário (Skowron & Schmitt, 2003) que avalia a Diferenciação do *Self* (conceito basilar da Teoria de Bowen) tanto na sua vertente interpessoal como intrapsíquica e comparação com os resultados obtidos nos estudos de validação do mesmo inventário para a população Espanhola. A comparação dos resultados obtidos em ambas as versões do inventário será outro dos objectivos desta dissertação, uma vez que, dada a proximidade geográfica, histórica e cultural destes dois países, parece relevante compreender a funcionalidade desta escala em ambos e perceber as semelhanças e divergências em termos de Diferenciação do *Self*.

A importância desta investigação prende-se, também, com a necessidade sentida por muitos investigadores de comprovar o postulado de Bowen de que a sua teoria é aplicável a todas as culturas do mundo. Neste sentido, a aceitação ou refutação deste postulado poderá ser averiguada através deste primeiro estudo em Portugal. Em Espanha, a primeira investigação que utiliza o IDS-R, realizada por Rodríguez (2009), suporta a questão da universalidade da Teoria de Bowen, sendo que fica a expectativa desta mesma universalidade ser igualmente alcançada no presente estudo.

Por outro lado, o Inventário de Diferenciação do *Self* pode ser utilizado em terapia, sendo que a sua capacidade avaliativa do nível de Diferenciação do *Self*, poderá dar ao terapeuta uma outra visão da dinâmica individual e familiar do cliente.

Encontra-se assim justificada a relevância e escolha desta temática, ficando a expectativa de que esta investigação represente um primeiro passo no trabalho realizado com este instrumento em Portugal, esperando que no futuro as suas propriedades psicométricas sejam aperfeiçoadas e a sua utilização se torne uma mais-valia para a prática clínica em Portugal.

I - Enquadramento Teórico

Murray Bowen é considerado um dos fundadores da Terapia Familiar e Marital. Por conseguinte, as suas explicações e descrições teóricas dos processos familiares contribuíram, de forma significativa, para o desenvolvimento clínico da teoria dos sistemas (Horne & Hicks, 2002; Nichols & Schwartz, 2004, citados por Miller, Anderson, & Keala, 2004).

Hanna e Brown (1998, citados por Rodríguez, 2009) classificam os modelos de terapia familiar em cinco grupos: estrutural, estratégico, intergeracional, experiencial e contemporâneo. De acordo com esta classificação, a teoria de Bowen encontra-se entre os modelos intergeracionais, caracterizados pela importância das famílias de origem na explicação, compreensão e transformação das dinâmicas familiares actuais, isto é, pela transmissão de dinâmicas psicológicas de geração em geração (Rodríguez, 2009).

Do ponto de vista sistémico, a Teoria Familiar Sistémica de Bowen é considerada uma das teorias mais compreensivas do funcionamento humano (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). “Com origem na Teoria Natural dos Sistemas, a Teoria Familiar Sistémica de Bowen é a teoria do funcionamento emocional multigeracional” (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*, p. 1).

Neste sentido, Bowen (1978) descreve a família como uma rede de relações multigeracionais, que modela a interacção entre duas forças vitais opostas: individualidade e união (Licht & Chabot, 2006; Nichols & Schwartz, 2007; Skowron & Friedlander, 1998). O equilíbrio entre estas duas forças terá como resultado relações familiares funcionais. Por conseguinte, Bowen (1978) entende a Diferenciação do *Self* como a capacidade dos indivíduos estabelecerem este equilíbrio.

1.1 Conceitos chave da teoria de Bowen

Murray Bowen apresenta oito conceitos base na sua teoria, nomeadamente: Processo Emocional na Sociedade, Triangulação, Sistema Emocional da Família Nuclear, Processo de Projecção Familiar, *Cutoff* Emocional, Posição entre Irmãos, Diferenciação do *Self* e Processo de Transmissão Multigeracional (Bowen, 1978; Kerr, 2003). Apresenta-se de seguida uma breve caracterização de cada um destes conceitos.

O conceito de **Processo Emocional de uma Sociedade** explica como o sistema emocional influencia o comportamento no âmbito social, fomentando períodos tanto progressivos como regressivos numa sociedade (Kerr, 2003). Desta forma, todos os conceitos da teoria de Bowen são aplicáveis a grupos não familiares, tais como organizações de trabalho e sociais.

A **Triangulação** refere-se a um sistema emocional entre três pessoas. Segundo Kerr (2003), um sistema de duas pessoas é instável, pois não tolera muita tensão sem que antes envolva um terceiro elemento. Num triângulo, em períodos de calma, duas das pessoas são os “internos” e gozam de proximidade e confiança; a terceira pessoa representa, para a díade, um

“externo” incómodo. No entanto, quando se desenvolve tensão de nível médio ou moderado entre os internos, um dos elementos da díade aproxima-se do externo. Assim alteram-se, de forma cíclica e viciosa, os papéis no triângulo, formando-se uma nova díade e um novo externo. A luta constante para não ocupar o lugar de “incómodo”/“externo” coloca uma nova problemática que, segundo Bowen (1978) e Kerr (2003), pode contribuir para o desenvolvimento de problemas clínicos. Se a tensão for demasiado elevada para ser contida num único triângulo, expande-se a uma série de triângulos interconectados.

O conceito de **Sistema Emocional da Família Nuclear** descreve quatro padrões de relação básicos que ditam o desenvolvimento dos problemas familiares: conflito marital, disfunção num dos cônjuges, imparidade num ou mais filhos(as) e distância emocional (Bowen, 1978; Kerr, 2003). O desenvolvimento de sintomas depende do padrão de relação mais activo no momento (Bowen, 1978; Kerr, 2003). O Conflito Marital é caracterizado por uma exteriorização da ansiedade, de ambos os cônjuges, para a relação marital. Relativamente à Disfunção num dos Cônjuges, quando um destes cede à pressão do outro com o objectivo de conservar a harmonia, a ansiedade aumenta neste indivíduo podendo incrementar-se, na presença de outros factores de risco (e.g., disfunção psiquiátrica, física ou social), isto é, uma disfunção. O padrão Imparidade num ou mais Filhos(as) é caracterizado pela focalização da ansiedade do casal num ou mais filhos(as), projectando, conjuntamente, a indiferenciação para este(s). Neste sentido, os pais preocupam-se excessivamente com esse(a)(s) filho(a)(s) e, normalmente, tem uma imagem idealizada ou negativa dele(a)(s). A ansiedade para com este(a)(s) filho(a)(s) pode representar um entrave para o seu desempenho escolar, relações sociais, e, inclusivamente, para a sua saúde. Finalmente, a Distância Emocional gere a intensidade dos padrões anteriormente referidos, representando o nível de isolamento emocional ou corte, em relação à família alargada ou a outras pessoas importantes no sistema relacional (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

O **Processo de Projecção Familiar** explica a forma, mais comum, de transmissão dos problemas emocionais dos pais para os filhos (Kerr, 2003). As consequências desta projecção podem passar, dependendo da intensidade, pela danificação do funcionamento num ou mais filhos e pela incrementação da vulnerabilidade à sintomatologia clínica (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

O conceito de limite ou distância emocional – **Cutoff Emocional** – descreve uma forma de lidar com os problemas emocionais através da redução ou corte das relações do passado, com o objectivo de dar um novo rumo à vida, incluindo apenas as relações actuais. As relações com familiares e amigos podem parecer melhores e mais fáceis perante algum distanciamento, no entanto, os problemas mantêm-se latentes e irresolutos. Assim, nas novas relações, existe o risco de se voltarem a manifestar as problemáticas anteriores (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

A **Posição entre Irmãos** foi um conceito que Bowen adaptou das investigações do psicólogo Walter Toman. A ideia básica deste conceito é

que a mesma posição entre irmãos tem, de forma previsível, características importantes em comum. Estas características de posição são complementares. Por exemplo, os irmãos mais velhos tendem a adoptar posições de liderança, enquanto que os mais novos preferem a posição de seguidores. Os irmãos do meio exibem características funcionais, tanto do mais velho como do mais novo (Bowen, 1978; Kerr, 2003). A investigação desenvolvida nesta área tem demonstrado que cônjuges com posições complementares têm menor probabilidade de divórcio (Kerr, 2003).

A **Diferenciação do Self**, considerada conceito basilar da Teoria de Murray Bowen (Bowen, 1978; Rodríguez, 2009), explica a variabilidade na susceptibilidade, de cada indivíduo, de se deixar afectar/influenciar pela forma de pensar, sentir e agir de acordo com os seus familiares ou outros grupos sociais (Kerr, 2003). Quanto mais desenvolvido/diferenciado estiver o *Self* de um indivíduo, menor será a sua susceptibilidade a esta influência.

Neste sentido, Bowen (1978) considera a existência de dois níveis de Diferenciação do *Self*: o *Self* básico e o *Self* funcional. O *Self* básico é constituído por crenças claramente definidas, opiniões, convicções e princípios de vida. Cada crença e princípio de vida é consistente com todos os restantes. Este *Self* é activo na manutenção destes princípios, mesmo em situações de elevada ansiedade (Bowen, 1978). Já o *Self* funcional pode ser modificado pela pressão emocional. Este é constituído por uma vasta série de princípios, crenças, filosofias e conhecimentos adquiridos, requeridos ou considerados correctos pelo grupo relacional. O *Self* funcional pode ser entendido como um *Self* “fingido”, no sentido em que foi adquirido para haver conformismo com o ambiente. Este pode conter princípios discrepantes e de vários tipos, que fingem estar em harmonia emocional com vários grupos sociais, instituições, empresas, partidos políticos e grupos religiosos, sem que o *Self* tenha consciência de que esses vários grupos são inconsistentes entre si. O *Self* funcional é um actor que pode representar muitos *Selves* diferentes. Um bom actor pode parecer tão real que pode tornar-se difícil para o próprio e/ou para os outros, sem um conhecimento detalhado da forma como os sistemas emocionais funcionam, conhecer a fronteira entre *Self* básico e *Self* funcional. Nas palavras de Fernando Pessoa (1997, p.79): “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.”

Embora se possam confundir, o *Self* funcional depende do *Self* básico. As variações, que possam surgir, no *Self* funcional estão condicionadas pelo nível do *Self* básico, o que significa que através do conhecimento do *Self* funcional se pode estimar o nível de *Self* básico (Bowen, 1978).

Para melhor compreender o conceito de Diferenciação do *Self* é importante ter em conta que a teoria de Bowen envolve duas grandes variáveis: o nível de ansiedade e o nível de integração de Diferenciação do *Self* (Bowen, 1978). Todos os organismos estão razoavelmente adaptados para lidar com ansiedade aguda, pois, biologicamente, existem mecanismos físicos responsáveis pela gestão desta situação (Bowen, 1978). Porém, a ansiedade sustentada/crónica pode desencadear alterações temporárias ao

nível do *Self* funcional, visto que os mecanismos de origem não estão preparados para lidar com ansiedade permanente. Se o nível de ansiedade é baixo, a sintomatologia é praticamente inexistente, no entanto, se a ansiedade for elevada e crónica, o organismo desenvolve tensão em si mesmo ou nos sistemas relacionais, de que poderão resultar sinais de sintomatologia, disfunção ou doença (Bowen, 1978). Todavia, atendendo ao nível de Diferenciação do *Self*, a sintomatologia resultante de uma mesma tensão, poderá ser discrepante em diferentes sujeitos. Isto é, um indivíduo com baixo nível de Diferenciação do *Self* irá apresentar sintomatologia mais grave do que um indivíduo com um nível elevado de Diferenciação do *Self* (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

O Processo de Transmissão Multigeracional explica como pequenas diferenças nos níveis de Diferenciação do *Self*, ao longo de muitas gerações, podem originar diferenças pronunciadas na Diferenciação entre os membros de uma família multigeracional. Através do ensino consciente ou das reacções emocionais e comportamentais automáticas e inconscientes, os níveis de Diferenciação do *Self* entre pais e filhos serão próximos (Bowen, 1978; Kerr, 2003). No entanto, podem existir ligeiras diferenças na Diferenciação do *Self* entre irmãos (e.g., num irmão a Diferenciação pode ser ligeiramente superior que a dos seus pais e no outro ligeiramente inferior). Considerando que um sujeito tende a escolher para seu cônjuge alguém com um nível de Diferenciação do *Self* semelhante ao seu, estas pequenas diferenças podem, ao longo de muitas gerações, exponenciar-se (Bowen, 1978; Kerr, 2003). No entanto, é relevante referir que esta ideia da escolha de pessoas com o mesmo nível de Diferenciação do *Self* para futuro companheiro, não se encontra ainda bem estabelecida (Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Tuason & Friedlander, 2000).

Dada a relevância do tema da Diferenciação do *Self* para a presente dissertação, este mesmo conceito será apresentado de forma mais exaustiva.

1.2 Diferenciação do *Self* – Definição e delimitação do conceito

“O Ser Humano é a primeira forma de vida que tem a capacidade de observar, com o seu intelecto, o processo emocional (...) o nome desta capacidade é Diferenciação do *Self*” (Kerr & Bowen, 1988, p. 385).

A Diferenciação do *Self*, pedra angular da teoria de Bowen, é a capacidade de auto-regular emoções e comportamentos numa relação importante, o que, por sua vez, confere capacidades relacionais para uma intimidade autêntica e madura e a aptidão para definir um sentido claro do *Self* na relação com outros (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Desta forma, a Diferenciação do *Self* é um conceito multidimensional, que envolve a dimensão Intrapessoal (balanceamento entre o intelectual e o emocional) e a dimensão Interpessoal (balanceamento entre intimidade e autonomia) (Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

Segundo Bowen (1978) a Diferenciação do *Self* é uma característica universal, permitindo categorizar todas as pessoas num *continuum*. Este é apresentado pelo autor numa Escala de Diferenciação do *Self*, com valores

entre 0 – menor nível de funcionamento humano – e 100 – nível (hipotético) de perfeição – com uma infinidade de combinações possíveis entre estas duas posições extremas. De acordo com Bowen (1978), num extremo desse *continuum* encontrar-se-iam aqueles sujeitos cujo nível de Diferenciação é tão baixo, que a sua vida é controlada pelo sistema automático emocional e, no extremo oposto, estariam aqueles cujo funcionamento intelectual consegue manter alguma autonomia em momentos de stress ou seja, os mais Diferenciados. É impossível para estes últimos conseguirem mais do que uma relativa separação entre o funcionamento intelectual e o emocional.

De acordo com a teoria de Bowen, indivíduos menos diferenciados são menos flexíveis, menos adaptativos e emocionalmente mais dependentes daqueles que os rodeiam, sendo, por conseguinte, mais vulneráveis ao stress e à disfunção (Knauth & Skowron, 2004). Estes indivíduos caracterizam-se, também, por assumirem uma postura de excessiva conformidade e condescendência, ou por uma pseudo-independência emocionalmente reactiva para com os outros (Fogarty, 1979 citado por Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998).

Sujeitos com baixa Diferenciação do *Self* apresentam dificuldades acrescidas na integração de pensamentos e sentimentos, ficando à mercê das suas emoções nos relacionamentos interpessoais (Licht & Chabot, 2006). Numa posição oposta encontram-se os indivíduos que são mais Diferenciados, com uma capacidade superior de diferenciar o pensar e o sentir, que se reflecte nos seus comportamentos (Knauth & Skowron, 2004). São, portanto, mais flexíveis, mais adaptativos e mais independentes das emoções dos outros (sem deixar de as perceber ou estar em contacto com as mesmas) (Knauth & Skowron, 2004). Por outro lado, apresentam melhores estratégias de *coping* para lidar com a incerteza e a ambiguidade (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Demonstram menos fusão emocional nas suas relações próximas e gerem melhor o stress e a ansiedade, o que lhes permite experienciar menos sintomatologia emocional, física e social (Knauth & Skowron, 2004; Licht & Chabot, 2006). A Diferenciação do *Self* pode, assim, ser considerada uma variável da personalidade crítica no desenvolvimento e manutenção da saúde psicológica (Skowron & Friedlander, 1998).

Indivíduos mais diferenciados tendem a estabelecer maior autonomia nas suas relações, sem experienciar sentimentos debilitadores de medo de abandono, e a alcançar intimidade emocional nessas relações sem se sentirem sufocados ou incorporados (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988). São também capazes de providenciar aos filhos a autonomia apropriada à idade e de lhes permitir o desenvolvimento das capacidades de auto-regulação (Schnarch, 1997 citado por Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

A literatura psicanalítica, desenvolvimental e sistémica utiliza, frequentemente, os termos “individuação”, “diferenciação familiar” e

“diferenciação”¹ de forma indiscriminada, resultando numa incerteza terminológica e levando a dificuldades na operacionalização e investigação dos fenómenos subjacentes (Anderson & Sabatelli, 1990). Tal como sugerido por Anderson e Sabatelli (1990), estes conceitos são claramente distintos, embora se encontrem interligados. A Indivuação é definida como um processo desenvolvimental individual que implica criar um sentido ímpar de *Self* e autonomia dentro do contexto relacional da família. Por sua vez, a Diferenciação Familiar é definida como uma variável do sistema familiar que descreve o padrão de regulação da distância entre os membros da família (Licht & Chabot, 2006). Especificando, pensa-se que a quantidade apropriada de distância interpessoal entre cada membro da família encoraja tanto a intimidade como a individualidade. Assim, um sistema familiar bem Diferenciado encoraja a devida indivuação de acordo com a idade do membro da família, enquanto que um sistema familiar pobremente Diferenciado impedirá ou atrasará a indivuação dos membros do sistema. Já a Diferenciação do *Self*, caracteriza-se pela capacidade de balancear as dimensões intrapsíquicas e interpessoais do *Self* (Bowen, 1978; Rodríguez, 2009). A Diferenciação familiar e a Diferenciação do *Self*, embora sejam conceitos com elevado grau de associação, diferem no sentido em que a Diferenciação do *Self* é uma variável individual, enquanto que a Diferenciação familiar se refere ao sistema familiar (Rodríguez, 2009).

1.3 Instrumentos de avaliação da Diferenciação do *Self*

Apesar do importante papel da Teoria de Bowen na evolução da Terapia Familiar, e da influência desta na actual prática clínica, não existe investigação empírica que suporte a eficácia da Teoria de Bowen nesta última (Miller, Anderson, & Keala, 2004). Embora Bowen (1978) referisse que a eficiência da terapia familiar sistémica deveria ser baseada nas observações clínicas e nos relatos pessoais dos clientes (Charles, 2001; Nichols & Schwartz, 2004), a necessidade, por parte de investigadores e clínicos, de validar a Teoria de Bowen conduziu à realização de estudos empíricos de validação dos construtos da mesma (Miller, Anderson, & Keala, 2004).

Segundo Licht e Chabot (2006) os instrumentos desenvolvidos até à data podiam dividir-se em duas categorias: (a) instrumentos que tratam a Diferenciação como uma variável do sistema, e têm como objectivo medirem o nível de Diferenciação na família; e (b) instrumentos que consideram a Diferenciação do *Self* como uma variável individual (como é o caso do DSI-R). Nesta última categoria, inclui-se ainda a subdivisão entre os instrumentos que medem a Diferenciação sob o ponto de vista interpessoal e intrapessoal.

O funcionamento individual e familiar tem sido descrito teoricamente apenas em termos de processos familiares interpessoais e intergeracionais (Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998). Alguns dos

¹Segundo as indicações de Rodríguez (2009), na presente dissertação utilizaremos “Diferenciação” (com maiúscula) para nos referirmos ao conceito de Diferenciação do *Self* (Bowen, 1978) e “diferenciação” para nos referirmos ao conceito mais lato.

O Inventário de Diferenciação do *Self* - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

instrumentos de auto-resposta desenvolvidos de acordo com esta perspectiva são: a *Emotional Cutoff Scale* (McCollum, 1991 citado por Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998), a *Family-of-Origin Scale* (Hovestadtet, Anderson, Piercy, Cochran & Fine, 1985 citados por Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998), a *Personal Authority in the Family System Scale* (PAFS; Bray, Williamson & Malone, 1984), as *Differentiation in the Family Systems Scales* (DIFS; Anderson & Sabatelli, 1992 citados por Licht & Chabot, 2006; Skowron & Friedlander, 1998). No entanto, nenhum destes instrumentos procura operacionalizar a totalidade das componentes interpessoais, nem foca nenhum dos aspectos intrapsíquicos da Diferenciação, isto é, não conjugam os aspectos chave da Diferenciação do *Self* (Licht & Chabot, 2006; Miller, Anderson & Keala, 2004; Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003).

Relativamente aos instrumentos que consideram a Diferenciação do *Self* como uma variável individual, podemos encontrar a *Differentiation of Self Scale* (Kear, 1978 citado por Skowron & Friedlander, 1998), a *Level of Differentiation of Self Scale* (LDSS; Haber, 1993 citado por Skowron & Friedlander, 1998), a *Chabot Emotional Differentiation Scale* (CED; Chabot, 1993 citado por Licht & Chabot, 2006) e o *Differentiation of Self Inventory* (DSI; Skowron & Friedlander, 1998) e a sua versão revista *Differentiation of Self Inventory-Review* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003) (objecto de estudo desta investigação). Embora estes instrumentos assumam a Diferenciação do *Self* como uma variável individual, nem todos consideram as componentes interpessoal e intrapsíquica da Diferenciação. Especificando, a escala proposta por Kear mede a componente interpessoal da Diferenciação, negligenciando a intrapsíquica. Já o LDSS proposto em 1993 por Haber e o CED (Licht & Chabot, 2006), negligenciam a componente interpessoal da Diferenciação, com um foco exclusivo na componente intrapsíquica (Licht & Chabot, 2006).

De todos os questionários apresentados, o DSI/DSI-R (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) e a PAFS (Bray, Williamson, & Malone, 1984) demarcam-se positivamente, por diversos motivos, nomeadamente pelo número de vezes em que foram utilizados em diferentes investigações e por autores diversos, bem como pelas suas propriedades psicométricas ajustadas (Rodríguez, 2009).

Apesar do PAFS demonstrar uma forte representação multifacetada dos elementos interpessoais da Diferenciação (Bray et al., 1984), o conceito de *Cutoff* Emocional é negligenciado (Skowron, Holmes, & Sabatelli, 2003). Para além de incluir a medição do conceito de *Cutoff* Emocional, o DSI-R é, até ao momento, o instrumento mais fiel à abordagem original de Bowen, com um número de itens substancialmente mais reduzido que a PAFS (46 itens para o DSI-R, face aos 132 itens da PAFS) (Rodríguez, 2009).

Tendo em consideração o objecto de estudo desta dissertação iremos, de seguida, apresentar uma exposição mais detalhada acerca do DSI-R.

1.4 *Differentiation of Self Inventory – Review (DSI-R)*

“O DSI foi desenvolvido para operacionalizar as dimensões intrapsíquicas e interpessoais do conceito de Diferenciação do *Self* de Bowen” (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*, p. 6). O desenvolvimento e validação deste inventário de auto-resposta, levaram Skowron (1995) a realizar três estudos, com uma amostra total de 609 sujeitos adultos. No primeiro estudo, recorrendo aos escritos de Murray Bowen e Michael Kerr, Skowron criou 96 itens representativos da Diferenciação do *Self* (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Um estudo de análise factorial permitiu identificar quatro factores, explicativos de 26.2% da variância. Para a interpretação dos factores, as autoras consideraram apenas os itens com saturações iguais ou superiores a .40 num único factor, tendo o número de itens reduzido para 43 (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Os resultados obtidos neste estudo levaram à identificação de quatro subescalas: Reactividade Emocional (RE), Posição do “Eu” (PE), Fusão com os Outros (FO) e *Cutoff* Emocional (CE). As duas primeiras subescalas dizem respeito à dimensão intrapsíquica da Diferenciação do *Self* e as duas últimas à dimensão interpessoal (Charles, 2001; Knauth & Skowron, 2004; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

A dimensão intrapsíquica, reflecte a capacidade para equilibrar emoções e pensamentos, envolvendo a aptidão que uma pessoa tem para gerir a reactividade emocional e a importância da posição do “Eu” numa relação (Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Neste sentido, a Diferenciação do *Self*, ao nível intrapsíquico, consiste na capacidade de auto-regular emoções e comportamentos, de se acalmar perante um estado de ansiedade, pensar de forma clara perante emoções fortes (medido através da Reactividade Emocional) e ser capaz de preservar um sólido sentido de *Self* em relações importantes - Posição do “Eu” (Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

Por sua vez, a dimensão interpessoal implica a harmonia entre a intimidade e a autonomia nas relações. A Fusão com os Outros e o *Cutoff* Emocional são, de acordo com Bowen (1978), padrões interpessoais que representam os mecanismos comportamentais responsáveis pela regulação da distância. Indivíduos pouco Diferenciados, em resposta à ansiedade nas relações significativas, tendem a fundir-se ou, num movimento contrário à fusão, a distanciar-se emocional e fisicamente – *Cutoff* Emocional (Rodríguez, 2009). Por Fusão entende-se a dissolução das fronteiras entre o *Self* e o outro, a incapacidade de estabelecer um “Eu” num “Nós” e um alto nível de identificação e dependência dos outros (Karpel, 1976; Mendelsohn, 1978; Sabatelli & Mazor, 1985 citados por Anderson & Sabatelli, 1990). O *Cutoff* Emocional, é a resposta oposta à Fusão para a problemática da ansiedade numa relação, isto é, a ansiedade provocada pela incapacidade de gerir a necessidade de intimidade e de autonomia gera um nível de ansiedade tão alto, que a única forma de resolução é cortar/terminar a relação com a pessoa significativa.

Nos estudos seguintes (Skowron & Friedlander, 1998), os itens do DSI foram revistos e sujeitos a uma análise dos conteúdos por especialistas na Teoria do Bowen, seguido de uma análise estatística dos itens, incluindo a avaliação do enviesamento e da desejabilidade social ($N = 169$). A consistência interna, usando o alfa de Cronbach, para toda a escala DSI e para cada subescala, é adequada (DSI = .88; Reactividade Emocional = .83; Posição do “Eu” = .80; *Cutoff* Emocional = .80; Fusão com Outros = .82). Já a correlação entre as subescalas e a escala completa do DSI, apresentaram resultados moderados a elevados (Reactividade Emocional = .75; Posição do “Eu” = .65; *Cutoff* Emocional = .75; Fusão com Outros = .59) (Skowron & Friedlander, 1998). Estudos de validade de construto, desenvolvidos com recurso ao DSI, demonstram a existência de uma relação teórica entre baixos níveis de Diferenciação do *Self* e altos níveis de ansiedade crónica, maior sintomatologia, bem como baixo nível de satisfação marital (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

Skowron e Schmitt (2003) realizaram uma revisão da escala focalizando-se no fortalecimento do rigor psicométrico da subescala de Fusão com os Outros. Desta investigação resultou o DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003). Esta nova versão manteve as subescalas definidas para o DSI, alterando apenas os itens relativos à subescala Fusão com os Outros. A análise da consistência interna da escala total do DSI-R e das subescalas, utilizando o alfa de Cronbach, demonstra uma melhoria significativa relativamente ao DSI (DSI-R = .92; Reactividade Emocional = .89; Posição do “Eu” = .81; *Cutoff* Emocional = .84; Fusão com Outros = .86).

A versão actual do DSI-R consiste num inventário de auto-resposta com 46 itens que avaliam a Diferenciação do *Self* em adultos, através das suas relações significativas e das relações presentes com a família de origem. As quatro subescalas que compõem o DSI-R, avaliam cada uma das seguintes dimensões da Diferenciação:

- Reactividade Emocional (RE) - 11 itens em que uma pontuação alta nesta subescala indica uma menor RE e uma maior Diferenciação do *Self*;
- Posição do “Eu” (PE) - 11 itens em que uma pontuação alta indica uma maior capacidade de adoptar uma posição do Eu e uma Diferenciação mais elevada;
- *Cutoff* Emocional (CE) - 12 itens em que pontuações altas indicam menos *Cutoff* Emocional e maior Diferenciação;
- Fusão com os Outros (FO) - 12 itens em que pontuações altas significam menor Fusão e maior Diferenciação.

Algumas investigações indicam que o DSI-R mede o *Self* Básico, uma vez que demonstram que o DSI-R não é afectado pelos níveis correntes de stress (Miller, Anderson, & Keala, 2004; Tuason & Friedlander, 2000). Embora o DSI-R tenha sido desenvolvido inicialmente para ser utilizado com adultos com mais de 25 anos (idade estabelecida por representar uma fase de autonomização do jovem adulto), Knauth e Skowron (2004) realizaram um estudo que validou o DSI-R para a população adolescente (N

= 363; tendo os sujeitos idades compreendidas ente os 14 e os 19 anos).

Ainda são relativamente escassos os estudos realizados com o DSI-R em diferentes culturas (Miller, Anderson, & Skowron, 2004; Rodríguez, 2009). A importância destes estudos prende-se, entre outras razões, com a afirmação de Bowen de que a sua teoria se aplica “a todas as famílias em todas as culturas” (Kerr & Bowen, 1988, p. 202), ou seja, que se trata de uma teoria universal. De forma a destacar o crescente interesse por esta temática, apresentam-se de seguida alguns estudos de adaptação/validação do DSI-R para outras culturas.

Tuason e Friedlander (2000) realizaram um estudo que tinha como objectivo testar várias hipóteses relativas ao conceito de Diferenciação do *Self* numa amostra Filipina, utilizando para tal, entre outros instrumentos, o DSI-R (Tuason & Friedlander, 2000). Embora, por se tratar de uma cultura colectivista² (Enriquez, 1997, citado por Tuason & Friedlander, 2000), fosse expectável que a subescala de Fusão não estivesse relacionada com sintomatologia nesta cultura³ como está nos Estados Unidos da América (EUA), os resultados demonstraram não haver diferenças significativas nesta subescala. Por conseguinte, a questão da universalidade do construto de Bowen, no estudo de Tuason e Friedlander (2000), é suportada pelas diferenças não significativas nos resultados da escala total DSI-R nas duas amostras (Filipinas e EUA). No entanto, puderam-se observar algumas diferenças no que diz respeito às subescalas de Reactividade Emocional (onde se encontra um nível inferior ao obtido na população Norte Americana), *Cutoff* Emocional (pontuação superior relativamente à população Norte Americana) e Posição do “Eu” (em que a população Filipina demonstra maior capacidade de afirmar a sua individualidade).

Por sua vez, Rodríguez (2009), conduziu uma investigação sobre a relação entre a Diferenciação do *Self*, a satisfação marital e o funcionamento familiar, na população Espanhola, representando o primeiro estudo de adaptação do DSI-R para esta população. A investigação envolveu um total de 118 casais ($N = 236$) seleccionados aleatoriamente. No que diz respeito aos resultados obtidos para a população Espanhola, Rodríguez (2009) conclui que os valores médios globais da escala e subescalas do DSI-R são similares aos da população Norte Americana. Pode-se assim, inferir que este estudo valida a hipótese da universalidade da teoria do Bowen. Os estudos de análise factorial levados a cabo nesta investigação não confirmam a estrutura de 4 factores proposta por Skowron e Schmitt (2003). Assim, os resultados obtidos, apontam para a necessidade de prosseguir com trabalhos/estudos de validação e adaptação do DSI-R, através da recolha de uma amostra de maiores dimensões e realização de novos estudos de análise factorial para a população Espanhola (Rodríguez, 2009).

² Por cultura colectivista, Kim e Choi (2004, citado por Rodríguez, 2009), descrevem uma sociedade em que se favorece a solidariedade grupal, a dependência emocional, os deveres e as obrigações. Já nas culturas individualistas enfatiza-se a iniciativa individual, a independência emocional e a autonomia.

³ Estes diferentes contextos culturais (individualismo e colectivismo) poderiam levar a que o conceito de Diferenciação do *Self* adquirisse um significado distinto do postulado por Bowen.

Na adaptação para a população Chinesa (Lam & Chan-So, 2010), o DSI-R demonstrou boas propriedades psicométricas. Os resultados obtidos reforçaram a evidência de validade do C-DSI⁴ para a população Chinesa. Os estudos realizados, relativamente à estrutura factorial do DSI-R na China, sugerem a existência de 5 dimensões intrínsecas estáveis ao C-DSI, específicas para a cultura Chinesa. A partir dos resultados obtidos, Lam e Chan-So (2010) optaram por dividir a subescala de Fusão com os Outros em duas subescalas, uma com 6 itens que mantém o mesmo nome e um quinto factor (com 5 itens), denominado Fusão com a Família, criando assim uma valência diferente para as especificidades culturais relativas ao valor da família.

II - Objectivos

O objectivo geral do presente trabalho visa a tradução, adaptação e validação para a população Portuguesa do *Differentiation of Self Inventory – Review* (DSI-R; Skowron e Schmitt, 2003), com um foco muito específico na comparação dos resultados obtidos na adaptação para a população Portuguesa com os obtidos na versão Espanhola.

Como objectivos mais específicos apontamos:

- a) Proceder à tradução e adaptação do DSI-R para a população Portuguesa;
- b) Recolher a amostra para o estudo exploratório com a versão Portuguesa do DSI-R;
- c) Efectuar estudos de análise de itens para as versões Portuguesa e Espanhola do DSI-R;
- d) Realizar e comparar os resultados para os estudos de evidência de precisão (consistência interna) e validade (análise factorial) nas duas versões, Espanhola e Portuguesa.

III - Metodologia

3.1 Seleção da Amostra

Na presente investigação, e atendendo ao objectivo de realizar estudos de análise factorial, considerámos 460 como limite mínimo de sujeitos a incluir na amostra (seguindo as recomendações de Pallant, 2003, de uma proporção de 10 sujeitos para cada item da escala – 46 itens). Para a recolha da amostra Portuguesa, definiram-se os seguintes critérios de inclusão: sujeitos de nacionalidade Portuguesa e com idade igual ou superior a 18 anos. Por uma questão de maior facilidade no processo de recolha de amostra (a rede social das investigadoras, centra-se na população universitária) estabeleceu-se os 18 anos como idade mínima. Acresce que, a

⁴ O C-DSI (Lam & Chan-So, 2010) é o resultado da tradução e adaptação do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003).

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

definição de adultez⁵ considerada por Skowron e Friedlander (1998) não corresponde aos padrões Portugueses para a idade sugerida (25 anos) e, uma vez que, Knauth e Skowron (2004) validaram o DSI-R para a população adolescente, considerámos justificada a opção de estipular os 18 anos como limite inferior para a recolha da amostra do presente estudo.

Apesar de se tratar de uma amostra de conveniência, procurou-se que fosse representativa da população Portuguesa para a variável sexo⁶. Por outro lado, recolheram-se inventários de Norte a Sul do país⁷. No entanto, tendo em consideração a reduzida representatividade na amostra de algumas regiões geográficas do país (e.g., Algarve, Alentejo, Regiões Autónomas), optou-se por remover da amostra final os sujeitos residentes nestas regiões. Acresce que também os sujeitos com dupla nacionalidade acabaram por ser eliminados da amostra final considerada nas análises estatísticas efectuadas. Deste trabalho de afinamento da amostra resultou a eliminação de um total de 37 inquéritos, que se viria a traduzir numa amostra final de 470 sujeitos.

Os dados relativos à amostra Espanhola ($N = 1.268$) foram cedidos por Martiño Rodríguez (autor dos estudo de adaptação do DSI-R para a população Espanhola). A recolha desta foi realizada com recurso a uma versão informatizada/digital do DSI-R, tendo os sujeitos sido convidados a participar na investigação através da internet. Tal como a amostra Portuguesa, esta é também uma amostra por conveniência, sendo os critérios de inclusão na amostra: nacionalidade Espanhola e idades iguais ou superiores a 12 anos. Para o presente estudo, com o objectivo de facilitar a comparação de resultados entre as duas amostras e atendendo ao facto do estudo de validação para a população adolescente de Knauth e Skowron (2004) incluir, apenas, sujeitos com idades iguais ou superiores a 14 anos, excluíram-se todos os sujeitos com idades inferiores a 18 anos (um total de 14 sujeitos), resultando numa amostra final de 1.254 sujeitos.

3.2 Instrumentos

Questionário de dados sócio-demográficos

Com o objectivo de recolher dados que permitissem caracterizar a amostra recolhida, procedeu-se ao desenvolvimento de um questionário de dados sócio-demográficos. Este encontra-se dividido em cinco partes: 1) Dados pessoais, 2) Qualificação académica, 3) Profissão, 4) Composição do agregado familiar, 5) Relações interpessoais (Anexo A).

Na primeira parte, procura-se recolher informação acerca da idade, género, estado civil, nacionalidade e residência (Localidade e Concelho). Para operacionalizar a variável residência utilizou-se a nomenclatura proposta pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2003; e.g., Norte,

⁵ As autoras (Skowron & Friedlander, 1998) consideram adultos os indivíduos com ensino secundário terminado ou trabalhadores, que vivem separados da família de origem e que são economicamente independentes.

⁶ De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2002) a percentagem de indivíduos do sexo masculino em Portugal é de 48.2% e 51.8% do sexo feminino.

⁷ O Instituto Nacional de Estatística (2003) utiliza a seguinte divisão do país, atendendo à nomenclatura de Unidades Territoriais: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

Centro) para a região geográfica. O meio de residência foi categorizado atendendo à divisão APU, AMU e APR proposta pelo INE (s.d.)⁸. Na qualificação académica, considerou-se o ciclo de estudos completo até à data de preenchimento do questionário (e.g., 4º ano corresponde ao 1º ciclo do ensino básico completo).

Para a operacionalização da variável “profissão”, o INE (2003) propõe a seguinte codificação: 1) Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa; 2) Especialistas das profissões intelectuais e científicas; 3) Técnicos e profissionais de nível intermédio; 4) Pessoal administrativo e similares; 5) Pessoal dos serviços e vendedores; 6) Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas; 7) Operários, artífices e trabalhadores similares; 8) Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem; 9) Trabalhadores não qualificados. Para a presente investigação, para além da codificação do INE (2003), acrescentou-se, também, as seguintes variáveis: 10) Forças Armadas; 11) Estudantes; e Outros (onde se incluem os reformados e desempregados).

No que diz respeito à quarta parte do questionário de dados sócio-demográficos, procurou-se compreender com quem residem os sujeitos incluídos na amostra e qual o tipo de relação existente entre eles. Por fim, procurou-se recolher informação acerca da existência ou não de uma relação amorosa estável e a duração dessa mesma relação. Com base nestas informações, foi possível proceder à classificação da etapa do ciclo vital da família de acordo com Relvas (1996)⁹.

Inventário de Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R)

A versão Portuguesa do DSI-R, denominada de Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto (IDS-R) é um questionário de auto-resposta, constituído por 46 itens que avaliam a Diferenciação do *Self* (cf. Anexo B)

Os participantes são convidados a cotar cada item com recurso a uma escala do tipo *Likert*, de 6 pontos, oscilando entre 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*). O resultado total é obtido através da média dos 46 itens (somatório das pontuações de todos os itens dividido por 46).

Tal como anteriormente referido, o DSI-R apresenta quatro subescalas: Reactividade Emocional (RE), Posição do “Eu” (PE), *Cutoff* Emocional (CE) e Fusão com os Outros (FO). Pontuações altas em cada subescala reflectem pouca reactividade emocional, melhor capacidade para definir uma posição do “Eu” numa relação, menos *Cutoff* emocional e menos fusão com os outros. Para fazer a análise estatística das subescalas deve considerar-se que todos os itens das subescalas RE, CE e FO têm de ser invertidos, com excepção do item 37 incluído nesta última. Os itens referentes à subescala IP deverão ser codificados conforme o original,

⁸ O INE (s.d.) classifica o meio de residência atendendo a três categorias: Área Predominantemente Urbana (APU), Área Mediamente Urbana (AMU) e Área Predominantemente Rural (APR).

⁹ Relvas (1996) definiu cinco etapas do ciclo vital da família: a) Formação do casal; b) Família com filhos pequenos; c) Família com filhos na escola; d) Família com filhos adolescentes; e e) Família com filhos adultos.

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

exceptuando o item 35 cujos valores, também, devem ser invertidos (as subescalas não foram alvo de estudo nesta investigação de carácter exploratório).

A tradução do item 31 (pertencente à subescala IP e que, originalmente deveria ser invertido) levou a que, na versão Portuguesa, este não seja invertido, uma vez que a tradução literal gerava algumas dificuldades de compreensão para os respondentes.

3.3 Procedimento e Tratamento Estatístico dos Dados

Num primeiro momento, antes de proceder à tradução do DSI-R para Português, foi apresentado um pedido formal de autorização junto da autora da versão original (Elizabeth Skowron).

O processo de tradução para Português do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) passou por diversas fases entre os meses de Outubro e Novembro de 2010. Inicialmente, procedeu-se a uma primeira tradução independente efectuada por duas pessoas diferentes. As duas traduções daqui resultantes foram então conciliadas numa única. Num segundo momento, esta primeira tradução do DSI-R foi revista pelo autor da versão Espanhola e por duas docentes do ensino superior.

Posteriormente, antes de passar à recolha da amostra propriamente dita, de forma a testar a tradução obtida e analisar o grau de compreensão das instruções, itens e escala de cotação, solicitou-se a 30 sujeitos que preenchessem a primeira tradução Portuguesa do DSI-R. Esta avaliação do questionário foi realizada na presença de uma das duas investigadoras, para que todas as questões colocadas fossem devidamente registadas. Este procedimento levou à necessidade de proceder a alguns ajustamentos nalguns itens que geraram mais dúvidas nos sujeitos, por exemplo, relativamente ao item 44 – “Por vezes, sinto-me mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)”¹⁰ – a expressão mal disposto(a) encontrava-se, anteriormente, como “doente”, sendo que, doente é uma expressão que se refere essencialmente a um estado físico e, não tanto mental e, uma vez que, alguns dos inquiridos demonstraram dificuldades em compreender o que se queria dizer com doente, procedeu-se então a essa alteração.

Na última fase do processo de tradução e adaptação, procedeu-se à retroversão (tradução da versão Portuguesa para Inglês). Esta retroversão foi realizada por dois professores de Inglês com um bom domínio da língua Portuguesa (nenhum destes teve contacto prévio com o DSI-R). As duas retroversões foram encaminhadas à autora do DSI-R (Elizabeth Skowron), para a avaliação da compreensibilidade teórica dos itens, instruções e escala de cotação. Por fim, procedeu-se aos ajustes finais da tradução com base no *feedback* da autora.

No mês de Novembro iniciou-se a recolha da amostra, processo este que se prolongou até Março de 2011. Neste processo, todos os participantes foram informados acerca dos objectivos do estudo e da natureza confidencial

¹⁰ No DSI-R o item 44 é o seguinte: “*Sometimes I feel sick after arguing with my spouse/partner*”.

da informação recolhida (informação presente na folha de rosto do protocolo – Anexo C). Com recurso às redes sociais das investigadoras e a algumas turmas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, procedeu-se à recolha da amostra, obtendo um total de 507 sujeitos (reduzidos a 470 após o processo de afinamento da amostra).

Ainda em Novembro de 2010 foi criada a base de dados utilizando o *SPSS 17 (Statistical Package for the Social Sciences, versão 17.0) (SPSS Inc, 2008)* e iniciou-se o processo de inserção dos questionários na base de dados Portuguesa. Uma vez recolhida a amostra, entre Março e Maio de 2011 procedeu-se às análises estatísticas, que implicaram o recurso a diversos procedimentos, realizados para as duas amostras consideradas neste estudo (Portuguesa e Espanhola), nomeadamente:

- a) Estatísticas descritivas para caracterizar os resultados obtidos com o IDS-R (e.g., Médias, Desvios-Padrão, Amplitude, Assimetria e Curtose);
- b) Análise factorial exploratória para determinar a estrutura factorial da escala;
- c) Alfa de Cronbach para avaliar a consistência interna dos itens do IDS-R.

Por outro lado, com o objectivo de analisar o ajustamento ou aderência à normalidade da distribuição do total da escala IDS-R, realizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov (K-S). Os resultados obtidos com o IDS-R (Portugal), indicam que os valores se aproximam de uma distribuição normal ($K-S = .031$; $p = .200$), já os resultados para a escala total IDS-R (Espanha) demonstram que os valores não se aproximam de uma distribuição normal ($K-S = .053$; $p = .000$).

3.4 Caracterização da amostra Portuguesa e Espanhola

A amostra recolhida com a versão Portuguesa do IDS-R é constituída por um total de 249 sujeitos do sexo feminino (53.0%) e 221 do sexo masculino (47%) (cf. Tabela 1), valores estes muito próximos da distribuição da população Portuguesa para a variável sexo (48.2% e 51.8%, para masculino e feminino, respectivamente; INE, 2002). As idades estão compreendidas entre os 18 e os 80 anos (25.3% pertence à faixa etária 20-24 anos, sendo esta a mais representativa)¹¹, sendo a média de idades para toda a amostra 34.83 anos ($DP = 13.52$). Em virtude de apenas se encontrar dados disponíveis relativamente à amostra Espanhola para as variáveis sexo e idade, remeteu-se para o Anexo D a apresentação exaustiva da caracterização da amostra Portuguesa para as restantes variáveis consideradas no estudo.

No que diz respeito ao estado civil dos respondentes, a maioria é solteiro (48.5%) ou casado (44.3%), 4.5% vivem em união de facto, 1.9% encontram-se divorciados ou separados e 4 respondentes (0.9%) são viúvos. Mais de metade da população (56.2%) reside na região Norte do país, 34.3% na região Centro e os restantes 9.6% na região de Lisboa. De acordo com a

¹¹ De forma a simplificar a análise das idades dos respondentes, optou-se por criar faixas etárias utilizando para tal a tipologia proposta pelo IINE.

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

tipologia proposta pelo INE (2003), a maioria dos sujeitos da amostra reside em meio urbano, sendo que: 44.7% em área predominantemente urbana, 40% em área mediantemente urbana e os restantes 15.3% em área predominantemente rural (cf. Anexo D).

É importante salientar o elevado grau de qualificações académicas da amostra considerada uma vez que, 163 (34.7%) sujeitos terminaram o ensino secundário ou um curso profissional e 152 (32.3%) são licenciados. Atendendo ao procedimento de recolha da amostra, uma larga maioria desta é estudante (28.5%).

Relativamente à amostra Espanhola, 390 (31.1%) são do sexo masculino e 864 (68.9%) do sexo feminino. Estes sujeitos têm idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos, sendo a faixa etária dos 25-29 anos a mais representativa (23.2%), seguida pelos 20–24 anos (18,1%). Tal como para a amostra Portuguesa, as faixas etárias mais velhas apresentam uma menor representatividade (cf. Tabela 1)

Tabela 1

Caracterização das amostras Portuguesa e Espanhola

| Variável | Amostra Portuguesa | | Amostra Espanhola | |
|---------------------|--------------------|-------|-------------------|-------|
| | N | % | N | % |
| Sexo | | | | |
| Feminino | 249 | 53.0 | 864 | 68.9 |
| Masculino | 221 | 47.0 | 390 | 31.1 |
| Total | 470 | 100.0 | 1254 | 100.0 |
| Faixa Etária | | | | |
| 15-19 | 28 | 6.0 | 37 | 3.0 |
| 20-24 | 119 | 25.3 | 227 | 18.1 |
| 25-29 | 62 | 13.2 | 291 | 23.2 |
| 30-34 | 58 | 12.3 | 202 | 16.1 |
| 35-39 | 46 | 9.8 | 158 | 12.6 |
| 40-44 | 27 | 5.7 | 124 | 9.9 |
| 45-49 | 43 | 9.1 | 80 | 6.4 |
| 50-54 | 42 | 8.9 | 67 | 5.3 |
| 55-59 | 21 | 4.5 | 35 | 2.8 |
| 60-64 | 15 | 3.2 | 17 | 1.4 |
| 65-69 | 3 | 0.6 | 11 | 0.9 |
| 70-74 | 5 | 1.1 | 4 | 0.3 |
| 75-79 | 0 | 0.0 | 1 | 0.1 |
| 80-84 | 1 | 0.2 | 0 | 0 |
| Total | 470 | 100.0 | 1254 | 100.0 |

IV - Resultados

4.1 Estatísticas Descritivas dos itens do IDS-R

Nas Tabelas 2 e 3 pode observar-se a média, desvio-padrão, moda, assimetria, curtose e amplitude para cada item da escala IDS-R nas versões Portuguesa e Espanhola.

Tabela 2

Estatísticas Descritivas para os itens do IDS-R (Portugal)

| Item | Média | DP | Moda | Amplitude | Assimetria | Curtose |
|------|-------|------|------|-----------|------------|---------|
| 1 | 3.87 | 1.36 | 4 | 1-6 | -0.209 | -0.675 |
| 2 | 4.11 | 1.53 | 5 | 1-6 | -0.379 | -1.034 |
| 3 | 4.92 | 1.33 | 6 | 1-6 | -1.202 | 0.615 |
| 4 | 3.87 | 1.40 | 5 | 1-6 | -0.243 | -0.895 |
| 5 | 4.50 | 1.39 | 5 | 1-6 | -0.848 | -0.169 |
| 6 | 3.17 | 1.52 | 2 | 1-6 | 0.231 | -1.001 |
| 7 | 4.90 | 1.24 | 6 | 1-6 | -1.310 | 1.360 |
| 8 | 4.63 | 1.29 | 5 | 1-6 | -0.765 | -0.208 |
| 9 | 2.39 | 1.26 | 2 | 1-6 | 0.863 | 0.159 |
| 10 | 3.84 | 1.57 | 4 | 1-6 | -0.304 | -0.926 |
| 11 | 4.41 | 1.49 | 5 | 1-6 | -0.774 | -0.470 |
| 12 | 4.84 | 1.39 | 6 | 1-6 | -1.135 | 0.397 |
| 13 | 3.87 | 1.51 | 5 | 1-6 | -0.306 | -0.925 |
| 14 | 3.56 | 1.43 | 4 | 1-6 | -0.081 | -0.873 |
| 15 | 3.64 | 1.37 | 3 | 1-6 | -0.046 | -0.723 |
| 16 | 4.55 | 1.36 | 5 | 1-6 | -0.838 | -0.080 |
| 17 | 4.36 | 1.41 | 5 | 1-6 | -0.660 | -0.515 |
| 18 | 3.47 | 1.48 | 5 | 1-6 | -0.084 | -1.034 |
| 19 | 3.97 | 1.52 | 5 | 1-6 | -0.291 | -1.014 |
| 20 | 4.41 | 1.53 | 6 | 1-6 | -0.729 | -0.547 |
| 21 | 3.68 | 1.49 | 4 | 1-6 | -0.193 | -0.961 |
| 22 | 2.59 | 1.35 | 2 | 1-6 | 0.756 | -0.204 |
| 23 | 4.70 | 1.19 | 5 | 1-6 | -0.901 | 0.228 |
| 24 | 4.42 | 1.44 | 6 | 1-6 | -0.710 | -0.427 |
| 25 | 4.32 | 1.42 | 5 | 1-6 | -0.550 | -0.636 |
| 26 | 3.30 | 1.50 | 2 | 1-6 | 0.129 | -0.996 |
| 27 | 4.13 | 1.44 | 5 | 1-6 | -0.439 | -0.774 |
| 28 | 4.61 | 1.46 | 6 | 1-6 | -0.892 | -0.251 |
| 29 | 3.05 | 1.55 | 2 | 1-6 | 0.385 | -0.947 |
| 30 | 3.35 | 1.42 | 3 | 1-6 | 0.172 | -0.888 |
| 31 | 2.26 | 1.16 | 2 | 1-6 | 0.828 | 0.230 |
| 32 | 4.43 | 1.43 | 5 | 1-6 | -0.720 | -0.456 |
| 33 | 4.41 | 1.36 | 5 | 1-6 | -0.675 | -0.486 |
| 34 | 3.00 | 1.49 | 2 | 1-6 | 0.247 | -1.036 |
| 35 | 4.42 | 1.37 | 5 | 1-6 | -0.656 | -0.407 |
| 36 | 5.19 | 1.19 | 6 | 1-6 | -1.745 | 2.657 |
| 37 | 3.32 | 1.40 | 3 | 1-6 | 0.178 | -0.793 |
| 38 | 3.64 | 1.38 | 3 | 1-6 | -0.050 | -0.835 |
| 39 | 4.47 | 1.39 | 5 | 1-6 | -0.816 | -0.113 |
| 40 | 3.80 | 1.39 | 4 | 1-6 | -0.222 | -0.764 |
| 41 | 4.49 | 1.26 | 5 | 1-6 | -0.787 | -0.077 |
| 42 | 4.66 | 1.46 | 6 | 1-6 | -0.984 | 0.011 |
| 43 | 3.37 | 1.46 | 3 | 1-6 | 0.049 | -0.905 |
| 44 | 3.23 | 1.57 | 2 | 1-6 | 0.300 | -1.004 |
| 45 | 3.20 | 1.51 | 2 | 1-6 | 0.206 | -0.997 |
| 46 | 1.57 | 1.90 | 1 | 1-6 | 2.007 | 4.697 |

Na Tabela 2, relativa às estatísticas descritivas dos itens do IDS-R (Portugal), constata-se que todos os itens pontuam segundo toda a amplitude da escala de cotação (1-6). A média mais elevada ($M = 5.19$; $DP = 1.19$) corresponde ao item 36 – “Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a)” -, sendo que o item 46 – “Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas” – apresenta a média mais baixa ($M = 1.57$; $DP = 1.90$). A análise da Tabela 2 permite-nos ainda inferir que os valores da moda oscilam entre 1 e 6 para os 46 itens do IDS-R, sendo 5 o valor da moda mais comum. No que diz respeito à assimetria, a maioria dos itens apresenta um valor negativo, destacando-se o maior afastamento para os itens 3, 7, 12, 36 e 46.

Relativamente aos valores da curtose (achatamento da curva da distribuição dos resultados), podem assinalar-se nove itens com valores mais afastados do zero: 2, 6, 7, 18, 19, 34, 36, 44 e 46.

No que diz respeito às estatísticas descritivas para os itens do IDS-R (Espanha) (cf. Tabela 3) a média mais alta ($M = 5.12$; $DP = .89$) corresponde, tal como em Portugal, ao item 36 – “Cuando estoy con mi esposo/a o pareja normalmente me siento asfíxiado”. A média mais baixa apresentada ($M = 2.16$; $DP = 1.11$) diz respeito, tal como para a versão Portuguesa, ao item 46, “Me preocupa que la gente cercana a mí se ponga enferma, esté triste o enfadada o les pase algo”. Todos os itens pontuam segundo toda a amplitude da escala de cotação (1-6).

No que diz respeito ao grau de afastamento relativamente ao eixo de simetria, podem apontar-se quatro itens: 12, 28, 36 e 39. Relativamente ao grau de achatamento da distribuição dos dados da amostra Espanhola, destacam-se pelos valores mais elevados de curtose os itens 8, 12, 28, 36 e 42.

Ao proceder a uma comparação das médias das duas amostras, a diferença mais flagrante encontra-se no item 31, o que se deve à inversão do item na versão Portuguesa ($M = 2.26$ versus 4.01 para as versões Portuguesa e Espanhola, respectivamente).

Tabela 3
Estatísticas Descritivas para os itens do IDS-R (Espanha)

| Item | Média | DP | Moda | Amplitude | Assimetria | Curtose |
|------|-------|------|------|-----------|------------|---------|
| 1 | 4.00 | 1.18 | 4 | 1-6 | - 0.292 | - 0.464 |
| 2 | 4.22 | 1.13 | 5 | 1-6 | - 0.580 | - 0.151 |
| 3 | 4.72 | 1.05 | 5 | 1-6 | - 0.952 | 0.941 |
| 4 | 3.36 | 1.21 | 3 | 1-6 | 0.123 | - 0.694 |
| 5 | 4.17 | 1.15 | 5 | 1-6 | - 0.569 | - 0.166 |
| 6 | 3.78 | 1.18 | 4 | 1-6 | - 0.254 | - 0.490 |
| 7 | 4.49 | 1.20 | 5 | 1-6 | - 0.809 | 0.280 |
| 8 | 4.68 | 0.91 | 5 | 1-6 | - 0.941 | 1.394 |
| 9 | 3.24 | 1.29 | 3 | 1-6 | 0.078 | - 0.733 |
| 10 | 4.21 | 1.19 | 5 | 1-6 | - 0.607 | 0.020 |
| 11 | 4.47 | 0.94 | 5 | 1-6 | - 0.707 | 0.712 |
| 12 | 5.00 | 1.22 | 6 | 1-6 | -1.257 | 1.020 |
| 13 | 4.46 | 1.00 | 5 | 1-6 | - 0.702 | 0.576 |
| 14 | 4.13 | 0.98 | 4 | 1-6 | - 0.669 | 0.276 |
| 15 | 3.43 | 1.24 | 3 | 1-6 | 0.210 | - 0.790 |
| 16 | 4.11 | 1.14 | 5 | 1-6 | - 0.720 | 0.015 |
| 17 | 4.17 | 1.31 | 5 | 1-6 | - 0.366 | - 0.688 |
| 18 | 3.82 | 1.36 | 5 | 1-6 | - 0.243 | - 0.751 |
| 19 | 4.28 | 1.30 | 5 | 1-6 | - 0.567 | - 0.288 |
| 20 | 4.50 | 1.14 | 5 | 1-6 | - 0.924 | 0.516 |
| 21 | 3.63 | 1.15 | 4 | 1-6 | - 0.387 | - 0.353 |
| 22 | 3.39 | 1.29 | 3 | 1-6 | - 0.091 | - 0.692 |
| 23 | 4.41 | 1.13 | 5 | 1-6 | - 0.829 | 0.515 |
| 24 | 4.45 | 1.09 | 5 | 1-6 | - 0.911 | 0.748 |
| 25 | 4.37 | 0.99 | 5 | 1-6 | - 0.666 | 0.388 |
| 26 | 3.38 | 1.20 | 3 | 1-6 | - 0.160 | - 0.597 |
| 27 | 3.57 | 1.14 | 3 | 1-6 | 0.120 | - 0.605 |
| 28 | 4.79 | 0.91 | 5 | 1-6 | -1.043 | 1.642 |
| 29 | 3.06 | 1.34 | 3 | 1-6 | 0.061 | - 0.884 |
| 30 | 2.66 | 1.18 | 2 | 1-6 | 0.673 | 0.068 |
| 31 | 4.01 | 1.44 | 5 | 1-6 | - 0.461 | - 0.742 |
| 32 | 4.72 | 1.28 | 6 | 1-6 | - 0.935 | 0.200 |
| 33 | 4.22 | 1.11 | 5 | 1-6 | - 0.811 | 0.358 |
| 34 | 3.97 | 1.03 | 4 | 1-6 | - 0.715 | 0.040 |
| 35 | 4.51 | 1.07 | 5 | 1-6 | - 0.719 | 0.348 |
| 36 | 5.12 | 0.89 | 5 | 1-6 | -1.164 | 1.833 |
| 37 | 2.95 | 1.06 | 3 | 1-6 | 0.669 | 0.190 |
| 38 | 3.83 | 1.04 | 4 | 1-6 | - 0.347 | - 0.151 |
| 39 | 4.81 | 1.19 | 5 | 1-6 | -1.108 | 0.999 |
| 40 | 3.05 | 1.14 | 3 | 1-6 | 0.240 | - 0.209 |
| 41 | 4.36 | 0.99 | 5 | 1-6 | - 0.362 | - 0.152 |
| 42 | 3.83 | 1.52 | 3 | 1-6 | - 0.078 | -1.037 |
| 43 | 3.67 | 1.12 | 4 | 1-6 | - 0.119 | - 0.648 |
| 44 | 3.66 | 1.32 | 4 | 1-6 | - 0.255 | - 0.681 |
| 45 | 3.36 | 1.24 | 4 | 1-6 | - 0.134 | - 0.611 |
| 46 | 2.16 | 1.11 | 1 | 1-6 | 0.716 | - 0.143 |

No que diz respeito aos resultados obtidos para a escala total IDS-R (Tabela 4), destaca-se a elevada proximidade entre a média obtida nas duas versões, sendo a média da amostra Espanhola ($M = 3.98$, $DP = 0.47$) ligeiramente superior à da amostra Portuguesa ($M = 3.89$, $DP = 0.52$). Os resultados da amostra Espanhola encontram-se distribuídos com uma assimetria ligeiramente superior à da amostra Portuguesa. O resultado da curtose na amostra Portuguesa assinala que os resultados para a escala total IDS-R se encontram distribuídos de acordo com a distribuição normal, enquanto que o valor obtido na amostra Espanhola apresenta um ligeiro afastamento dos resultados.

Tabela 4

Estatísticas Descritivas para a escala do IDS-R Total

| | Portugal | Espanha |
|----------------------|----------|---------|
| Média | 3.89 | 3.98 |
| Desvio padrão | 0.52 | 0.47 |
| Moda | 3.78 | 4.04 |
| Assimetria | -0.160 | -0.296 |
| Curtose | 0.001 | 0.047 |

4.2 Estudos de Validade de Construto

4.2.1 Análise Factorial do IDS-R para a População Portuguesa

Para determinar a estrutura factorial do IDS-R procedeu-se a uma análise exploratória dos componentes deste inventário.

De acordo com Pallant (2003), para a realização da análise factorial é necessário verificar vários pressupostos, nomeadamente o tamanho da amostra e a factoriabilidade desta. No que diz respeito ao tamanho da amostra (sendo $N = 470$), obteve-se um total de mais de 10 sujeitos para cada item da escala (46 itens). Este rácio é considerado por Pallant (2003) como o recomendável para a realização de uma análise factorial com algum grau de confiança nos resultados. No que diz respeito à factoriabilidade, calculou-se a medida de adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin e o teste da esfericidade de Bartlett. O resultado obtido no teste de Kaiser-Meyer-Olkin é adequado (.826), e o teste de esfericidade de Bartlett é significativo ($X^2 = 6015.271$; $gl = 1035$, $p < .001$), valores estes favoráveis à realização de estudos de análise factorial.

Procedeu-se, então, a uma extracção de componentes, dos quais se identificaram 13 factores que explicam 57.94% da variância total (cf. Anexo E). Estes 13 factores correspondem ao critério de *eigenvalues* superiores a 1, no entanto, esse critério tendencialmente aponta para um número muito elevado de factores a reter. Como tal, procedeu-se à análise do *scree-plot* (cf. Anexo E), gráfico este que aponta para a retenção de um número mais reduzido de factores. Assim, realizou-se uma extracção de 4 factores (como originalmente obtido por Skowron e Schmitt, 2003, em que os quatro factores explicam 26.2% da variância) com rotação Varimax (rotação ortogonal, que de acordo com DeVellis, 2005, tem como objectivo tornar os dados obtidos na análise factorial mais compreensíveis), sendo possível observar que estes mesmos factores explicam 33.50% da variância total (Tabela 5).

O critério de retenção dos itens num determinado factor prende-se com o valor de saturação superior que um item apresenta num dos factores. Assim, e de acordo com Pallant (2003) optou-se por considerar apenas os itens com saturações superiores a .30.

Ao proceder à análise da Tabela 5, pode observar-se que no factor 1 (composto por 19 itens), as saturações oscilam entre .337 e .669. A análise dos itens que compõem este factor (quando comparado com o DSI-R de Skowron e Schmitt, 2003), indica que a maioria pertence às subescalas Reactividade Emocional (10 itens) e Fusão com os Outros (7 itens). No factor 2, com 13 itens (saturações entre .427 e .619), 12 destes pertencem à subescala *Cutoff* Emocional de Skowron e Schmitt (2003). No terceiro factor, com 10 itens (valores de saturação que variam entre .306 e .635), 9 pertencem à subescala Posição do “Eu” (Skowron & Schmitt, 2003). No último factor, embora saturem apenas 4 itens (com valores de saturação entre .326 e .810), 3 destes pertencem à subescala Fusão com os Outros (Skowron & Schmitt, 2003). Da análise destes resultados, facilmente se depreende que não se obteve uma replicação exacta da estrutura factorial do DSI-R

(Skowron & Schmitt, 2003), não só ao nível da distribuição dos itens mas também do seu conteúdo (com excepção dos factores *Cutoff* Emocional e Posição do “Eu”, com maior sobreposição dos itens quando comparados, com os factores homólogos do DSI-R).

Tabela 5

Matriz rodada: IDS-R Portugal – 4 factores (Rotação Varimax)

| | Componentes | | | |
|---------|-------------|------|-------|------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Item 34 | .669 | | | |
| Item 14 | .637 | | | |
| Item 26 | .589 | | | |
| Item 13 | .578 | | | |
| Item 18 | .574 | | | |
| Item 21 | .548 | | | |
| Item 29 | .513 | | | |
| Item 30 | .498 | | | |
| Item 44 | .485 | | | |
| Item 6 | .484 | | | |
| Item 5 | .447 | | | |
| Item 1 | .431 | | | |
| Item 10 | .430 | | | |
| Item 35 | .426 | | | |
| Item 17 | .424 | | | |
| Item 40 | .423 | | | |
| Item 33 | .408 | | | |
| Item 43 | .398 | | | |
| Item 46 | .337 | | | |
| Item 42 | | .619 | | |
| Item 36 | | .549 | | |
| Item 28 | | .546 | | |
| Item 12 | | .540 | | |
| Item 16 | | .535 | | |
| Item 8 | | .529 | | |
| Item 24 | | .491 | | |
| Item 3 | | .491 | | |
| Item 25 | | .485 | | |
| Item 20 | | .444 | | |
| Item 39 | | .437 | | |
| Item 32 | | .431 | | |
| Item 2 | | .427 | | |
| Item 41 | | | .635 | |
| Item 31 | | | -.605 | |
| Item 23 | | | .544 | |
| Item 7 | | | .539 | |
| Item 27 | | | .476 | |
| Item 37 | | | .465 | |
| Item 11 | | | .439 | |
| Item 15 | | | .413 | |
| Item 4 | | | .382 | |
| Item 19 | | | .306 | |
| Item 22 | | | | .810 |
| Item 9 | | | | .781 |
| Item 45 | | | | .652 |
| Item 38 | | | | .326 |

% variância explicada = 33.50%

4.2.2 Análise Factorial do IDS-R para a População Espanhola

Procedeu-se a uma análise exploratória dos componentes do IDS-R (versão Espanhola), com o objectivo de analisar a sua estrutura factorial. Tal como para a versão Portuguesa, também se procedeu à verificação dos pressupostos para a realização de uma análise factorial. Uma vez que, esta amostra é constituída por 1.254 sujeitos, o rácio de 10 para 1 (como proposto em Pallant, 2003) verifica-se. Os resultados obtidos no teste Kaiser-Meyer-Olkin (.901) e no teste de Esfericidade de Bartlett ($X_2 = 18259.281$; $gl = 1035$, $p < .001$) são perfeitamente satisfatórios. Através da extracção de componentes principais foram identificados 11 factores que explicam 55.26% da variância total (cf. Anexo F). No entanto, atendendo ao facto da retenção de factores com *eigenvalues* superiores a 1 apontar para a retenção de um número muito elevado de factores, procedeu-se à análise do *scree plot* (cf. Anexo F) que aponta para a manutenção de um número mais reduzido de factores. Assim, e tal como para a versão Portuguesa, procedeu-se à extracção de 4 factores (tal como definido no DSI-R original) com rotação Varimax, observando-se que estes mesmos 4 factores explicam 36.42% da variância (Tabela 6). O primeiro factor é constituído por 13 itens (com saturações entre .447 e .631) que contribuem com 19.51%, um segundo factor contém 15 itens (saturações que variam entre .295 e .647) que explicam 7.17% da variância, um terceiro factor (com 14 itens cujas saturações variam entre .273 e .658) explica 5.25% e um quarto factor constituído por 4 itens (saturações entre .387 e .836) que explicam 4.48%.

Os itens 6, 16 e 37 não saturam acima de .30 para nenhum dos 4 factores considerados, estando representados na Tabela 6 os valores de saturação obtidos ao reduzir o critério de retenção dos itens para .10

Uma observação mais detalhada da distribuição dos itens pelos diferentes factores (Tabela 6) permitiu compreender que apesar de, tal como na versão Portuguesa, não se obter uma replicação da estrutura factorial do DSI-R, existe alguma correspondência entre os factores aqui definidos e os propostos por Skowron e Schmitt (2003). Assim, é possível verificar que 9 dos 13 itens que compõem o factor 1 pertencem à subescala Reactividade Emocional. No factor 2, encontram-se 15 itens, dos quais 9 pertencem à subescala Posição do “Eu”. No terceiro factor, 12 dos 14 itens que aí saturam pertencem à subescala *Cutoff* Emocional. No factor 4, apenas saturam 4 itens, todos pertencentes à subescala Fusão com os Outros.

Tabela 6
Matriz rodada: IDS-R Espanha – 4 factores (Rotação Varimax)

| | Componentes | | | |
|---------|-------------|------|------|------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Item18 | .631 | | | |
| Item 14 | .622 | | | |
| Item 34 | .606 | | | |
| Item 26 | .597 | | | |
| Item 1 | .596 | | | |
| Item 43 | .546 | | | |
| Item 29 | .530 | | | |
| Item 4 | .529 | | | |
| Item 44 | .515 | | | |
| Item 21 | .495 | | | |
| Item 30 | .476 | | | |
| Item 40 | .474 | | | |
| Item 10 | .447 | | | |
| Item 41 | | .647 | | |
| Item 35 | | .574 | | |
| Item 23 | | .561 | | |
| Item 17 | | .535 | | |
| Item 27 | | .499 | | |
| Item 33 | | .492 | | |
| Item 38 | | .466 | | |
| Item 11 | | .455 | | |
| Item 25 | | .451 | | |
| Item 5 | | .443 | | |
| Item 7 | | .438 | | |
| Item 15 | | .388 | | |
| Item 31 | | .378 | | |
| Item 19 | | .345 | | |
| Item 37 | | .295 | | |
| Item 36 | | | .658 | |
| Item 28 | | | .598 | |
| Item 24 | | | .575 | |
| Item 20 | | | .559 | |
| Item 42 | | | .502 | |
| Item 8 | | | .496 | |
| Item 12 | | | .464 | |
| Item 3 | | | .460 | |
| Item 2 | | | .423 | |
| Item 13 | | | .403 | |
| Item 32 | | | .376 | |
| Item 39 | | | .325 | |
| Item 16 | | | .296 | |
| Item 6 | | | .273 | |
| Item 22 | | | | .836 |
| Item 9 | | | | .826 |
| Item 45 | | | | .654 |
| Item 46 | | | | .387 |

% variância explicada = 36.42.

Nota: Encontram-se assinalados a itálico os valores dos itens que não saturam em nenhum dos 4 factores acima de .30.

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população Portuguesa e comparação com a versão Espanhola
Míriam Rousselot (mi_rousselot@hotmail.com) 2011

4.3 Estudos de Precisão

4.3.1 Consistência Interna

A consistência interna refere-se ao grau de uniformidade ou de coerência entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens que compõem o questionário. Um dos procedimentos estatísticos usado para a análise da consistência interna de escalas do tipo *Likert* é o coeficiente de alfa de Cronbach (Almeida & Freire, 2008). Dada a natureza exploratória do estudo, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach apenas para os resultados totais do IDS-R das duas versões estudadas. Neste sentido, os valores alcançados para a escala total Portuguesa e Espanhola (respectivamente .858 e .885) são muito adequados de acordo com DeVellis (2003).

De forma a analisar se a exclusão de qualquer um dos itens do IDS-R (versão Portuguesa / versão Espanhola) viria a traduzir-se num aumento da consistência interna da escala, as correlações item-total corrigidas e os valores do coeficiente de alfa caso o item fosse eliminado foram examinados. Assim, a análise da Tabela 7 permite verificar que a exclusão de qualquer um dos itens do IDS-R nas versões Portuguesa e Espanhola não altera de forma considerável o alfa total da escala. No entanto, é possível verificar a existência de alguns itens que prejudicam a consistência interna da escala, estando os seus valores abaixo do valor mínimo desejável de .20 (Kline, 1993). Relativamente aos itens que contribuem, na amostra Portuguesa, para uma menor consistência interna da escala, 7 dos 12 que pontuam abaixo de .20 pertencem à subescala de Posição do “Eu” (esta escala apresenta um total de 11 itens). Dos restantes cinco itens com baixas pontuações na versão Portuguesa, quatro pertencem à subescala de Fusão com os Outros, e um à subescala *Cutoff* Emocional. Na versão Espanhola, oito itens apresentam uma correlação item-total corrigida abaixo de .20, pertencendo dois destes itens à subescala Posição do “Eu”, dois à subescala Fusão com os Outros, três itens à subescala *Cutoff* Emocional e um à de Reactividade Emocional. Contudo, a remoção destes itens não levaria a um incremento significativo dos valores do coeficiente alfa de Cronbach. A título de exemplo, o aumento mais expressivo da versão Portuguesa seria de .005 e .006, com a remoção dos itens 19 e 31. Relativamente aos restantes itens assinalados, a sua exclusão resultaria, no máximo, num aumento de .002. No caso da versão Espanhola a exclusão dos itens assinalados traduzir-se-ia num aumento máximo de .002 no valor de coeficiente alfa de Cronbach do IDS-R.

Ao comparar as duas versões estudadas, observa-se que apesar de algumas discrepâncias, os itens 19, 31, 32, 37 e 45 apresentam uma correlação item-total inferior a .20 em ambas as versões.

Tabela 7
Correlação item-total corrigida e alfa com eliminação do item-total – IDS-R
(versão Portuguesa / versão Espanhola)

| | Portugal | | Espanha | |
|---------|---|--|---|--|
| | Correlação item – total corrigida da escala | Coefficiente alfa com eliminação do item | Correlação item – total corrigida da escala | Coefficiente alfa com eliminação do item |
| Item 1 | .292 | .856 | .330 | .883 |
| Item 2 | .314 | .856 | .236 | .884 |
| Item 3 | .392 | .854 | .294 | .884 |
| Item 4 | .136 | .859 | .349 | .883 |
| Item 5 | .520 | .852 | .525 | .880 |
| Item 6 | .242 | .857 | .262 | .884 |
| Item 7 | .096 | .860 | .258 | .884 |
| Item 8 | .274 | .856 | .205 | .885 |
| Item 9 | .171 | .858 | .293 | .884 |
| Item 10 | .456 | .853 | .426 | .882 |
| Item 11 | .131 | .860 | .458 | .882 |
| Item 12 | .352 | .855 | .217 | .885 |
| Item 13 | .476 | .852 | .418 | .882 |
| Item 14 | .567 | .851 | .613 | .879 |
| Item 15 | .114 | .860 | .405 | .882 |
| Item 16 | .315 | .856 | .261 | .884 |
| Item 17 | .486 | .852 | .633 | .878 |
| Item 18 | .548 | .851 | .629 | .878 |
| Item 19 | -.018 | .863 | .179 | .886 |
| Item 20 | .367 | .855 | .418 | .882 |
| Item 21 | .571 | .850 | .622 | .879 |
| Item 22 | .206 | .858 | .343 | .883 |
| Item 23 | .377 | .855 | .504 | .880 |
| Item 24 | .345 | .855 | .320 | .883 |
| Item 25 | .381 | .854 | .391 | .882 |
| Item 26 | .432 | .853 | .487 | .881 |
| Item 27 | .210 | .858 | .376 | .882 |
| Item 28 | .339 | .855 | .229 | .884 |
| Item 29 | .396 | .854 | .444 | .881 |
| Item 30 | .494 | .852 | .285 | .884 |
| Item 31 | -.188 | .864 | .129 | .887 |
| Item 32 | .139 | .859 | .069 | .887 |
| Item 33 | .523 | .852 | .610 | .879 |
| Item 34 | .541 | .851 | .637 | .879 |
| Item 35 | .553 | .851 | .658 | .878 |
| Item 36 | .332 | .856 | .296 | .884 |
| Item 37 | .066 | .861 | .073 | .887 |
| Item 38 | .399 | .854 | .554 | .880 |
| Item 39 | .364 | .855 | .197 | .885 |
| Item 40 | .328 | .855 | .160 | .886 |
| Item 41 | .175 | .858 | .378 | .882 |
| Item 42 | .360 | .855 | .172 | .887 |
| Item 43 | .226 | .858 | .504 | .881 |
| Item 44 | .330 | .855 | .427 | .882 |
| Item 45 | .195 | .858 | .177 | .886 |
| Item 46 | .095 | .859 | .230 | .885 |

Nota: Os valores assinalados a negrito correspondem aos itens que apresentam um valor abaixo do desejável (.20).

V - Discussão

O presente trabalho de investigação pretende contribuir, em primeiro lugar, com um primeiro estudo de carácter exploratório de tradução, adaptação e validação do Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto (IDS-R) para a população Portuguesa, assim como, a realização de um estudo comparativo com os resultados obtidos com a versão Espanhola do IDS-R.

Num primeiro momento, acreditamos ser pertinente tecer um breve comentário acerca das dimensões das amostras utilizadas em cada uma das versões. O número de sujeitos que constitui cada amostra é muito discrepante (Portugal $N = 470$ e Espanha $N = 1.254$ sujeitos), sendo importante referir que, embora, a amostra Portuguesa seja significativamente mais pequena, esta corresponde a uma proporção de 10 sujeitos para cada item (IDS-R contém 46 itens) tal como recomendado para a realização de estudos de Análise factorial (Pallant, 2003). No entanto, um maior número de sujeitos por cada item poderia traduzir-se num aumento da estabilidade da estrutura factorial alcançada e poderia aumentar o nível de estabilidade e consistência interna dos resultados (Kline, 1993), podendo daí advir algumas diferenças entre os resultados obtidos nas duas amostras.

De acordo com o *Instituto Nacional de Estadística* (INE, 2011) a população Espanhola em 2010 é de 47.021.031 habitantes e a Portuguesa, de acordo com o Instituto homólogo Português (INE, 2011), apresenta 10.555.853 habitantes. Neste sentido, proporcionalmente, o número de sujeitos da amostra Portuguesa ($N = 470$) representa .00445% da população total, enquanto que a amostra Espanhola ($N = 1.254$) representa .00169%.

As amostras utilizadas neste estudo apresentam algumas características em comum, tais como a faixa etária predominante 20-29 anos, que em Portugal representa 38.5% da amostra e em Espanha 41.3%.

As estatísticas descritivas para ambas as escalas conotam-se pelas semelhanças entre os resultados. Em ambas as escalas os resultados apontam para uma média total muito semelhante, sendo que em Portugal esta é de 3.89 ($DP = 0.52$), e para a amostra Espanhola é de 3.98 ($DP = 0.47$). Relativamente à análise descritiva dos itens nas duas amostras, ressaltam os itens 36 e 46, ambos com as médias mais elevadas (Portugal, $M = 5.19$; $DP = 1.19$; Espanha, $M = 5.12$; $DP = 0.89$) e mais baixas (Portugal, $M = 1.57$; $DP = 1.90$; Espanha, $M = 2.16$; $DP = 1.11$), respectivamente. O item 36 – “Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a)” – pertence à subescala *Cutoff* Emocional, teoricamente, a sensação de sufoco numa relação é uma das características de uma Diferenciação do *Self* baixa, sendo este um dos sentimentos que poderá levar ao *Cutoff* de uma relação. Neste sentido, sendo que este é um item invertido, os resultados obtidos apontam para uma amostra que em média não se sente sufocada nas relações, havendo no entanto, alguns sujeitos que, opostamente, sentem-se frequentemente sufocados nas relações, sendo que este item apresenta uma assimetria negativa elevada. Estes resultados devem ter em conta o número de sujeitos que se encontra ou já se

encontrou numa relação estável, pois imaginar como se sentiria, não deverá ter os mesmos resultados do que indivíduos que vivenciam a situação. Em Portugal 71.9% (cf. Anexo D) dos inquiridos encontra-se numa relação estável, no entanto, não temos informação sobre este aspecto relativamente à amostra Espanhola, não sendo assim possível tecer comentários acerca deste ponto. Relativamente ao item 46 - “Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas” -, pertencente à subescala Fusão com os Outros, uma explicação para a baixa pontuação prende-se com o facto de ambos os países aqui representados terem uma longa história de contacto com a religião Católica e com políticas de protecção da família (ambos os regimes ditatoriais – Franco e Salazar - tiveram por base as ideologias de direita, em que Deus, a Pátria e a Família são valorizados), o que provoca, ainda nos dias de hoje, um sentimento geral de protecção dos entes queridos.

No que diz respeito aos resultados dos estudos de análise factorial, denota-se uma variância explicada superior para ambos as amostras (Portugal 33.50% e Espanha 36.42%), quando comparada com os valores obtidos para o DSI-R (26.2%). Sendo que a estrutura de 4 factores proposta, em 1998, por Skowron e Friedlander (e melhorada ao nível da subescala FO por Skowron & Schmitt, 2003) é identificável quando efectuada uma rotação Varimax dos itens (apesar da não obtenção de uma replicação da estrutura factorial do DSI-R, destacando-se o reduzido número de itens que saturam no quarto factor nas duas versões estudadas). Em Portugal os itens saturam predominantemente no factor 1, tendo este 19 itens. O factor 2 apresenta 13 itens, o terceiro factor contém 10 itens e o quarto factor apresenta apenas quatro itens. Na amostra Espanhola, 13 itens saturam no primeiro factor, 15 itens saturam no factor 2, 14 itens no terceiro factor e o quarto factor apresenta quatro itens.

Na versão Portuguesa o factor 1 acumula um número superior de itens relativamente a Espanha (19 – Portugal e 13 – Espanha), no entanto, é possível verificar que os mesmos itens que saturam na amostra Espanhola saturam na amostra Portuguesa (9 itens da subescala Reactividade Emocional, que, originalmente continha 11 itens). Também o item 43 – “Tendo a sentir-me bastante estável sob stress (sob pressão)” – pontua em ambas as amostras no factor 1, pertencendo este à subescala Posição do “Eu”. Este resultado comum, poderá dever-se ao próprio conteúdo do item, sendo que este se refere não só à questão da capacidade de preservar um sólido sentido do *Self*, mesmo quando exposto a alguma tensão – Posição do “Eu” (Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*), mas também à capacidade de pensar de forma clara no meio de stress, isto é, de não se deixar influenciar totalmente com as emoções dos outros – Reactividade Emocional (Rodríguez, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*). Na amostra Portuguesa o factor 1 apresenta, também um elevado número de itens pertencentes à subescala Fusão com os Outros (7 num total de 12 definidos originalmente). Desses itens, o 29 (“Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda me conseguem fazer sentir terrivelmente”) e 44 (“Por vezes

sinto-me mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)”) saturam, também, na amostra Espanhola no factor 1. Estes itens transparecem o sentimento de mal-estar proveniente de uma discussão com entes queridos, o que poderá ser interpretado como relativo ao nível de Fusão com os mesmos (subescala Fusão com os Outros), mas, também, com uma possível dificuldade de separar as emoções dos pensamentos, adquirindo uma postura reactiva às emoções dos outros (subescala Reactividade Emocional).

No que diz respeito ao segundo factor, a versão Portuguesa abrange 13 itens dos quais 12 correspondem à subescala *Cutoff* Emocional (esta escala apresenta uma totalidade de 12 itens). Na versão Espanhola, observa-se que o terceiro factor apresenta um total de 14 itens, dos quais 12 pertencem à subescala *Cutoff* Emocional. O item 16 (“Con frecuencia me siento incómodo/a cuando la gente se acerca demasiado (físicamente”), apresenta um valor de saturação inferior a .30. Também, os itens 6 (“Cuando alguien cercano a mí me desilusiona, me alejo de él/ella por un tiempo”) e 37 (“Cuando tomo decisiones pocas veces me preocupo sobre lo que otros piensan”), tal como já referido, não apresentam saturações superiores a .30 para nenhum dos 4 factores considerados. Cada um dos itens pertence a uma subescala diferente de acordo com a versão original, respectivamente, *Cutoff* Emocional, Reactividade Emocional e Fusão com os Outros. Relativamente ao item 16 o conteúdo, que tem como objectivo medir o *Cutoff* Emocional, não permite distinguir claramente a necessidade de afastamento físico quando há uma aproximação emocional demasiado forte, o que poderá ter conduzido ao não enquadramento deste item em nenhum dos factores. Em Portugal, este mesmo item (“Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiado de mim”) é exposto de forma diferente, não especificando o tipo de aproximação (físico ou emocional), dando à afirmação uma maior abertura e aproximando-se mais do conceito de *Cutoff* Emocional. Relativamente ao item 6, o conteúdo do item também não apresenta a clareza teórica necessária para que haja uma correspondência com a subescala em que deveria ser incluído, sendo que o item refere uma atitude de Reactividade Emocional mas não é claro relativamente à sua causa. A reacção ao stressor pode ser, tal como objectivado para este item (sendo que é especificado que é uma reacção limitada no tempo), devido a Reactividade Emocional ou, noutro sentido, causa de um *Cutoff* Emocional (o afastamento é uma característica muito forte desta subescala). Por fim o item 37, embora apresente alguma relação com a definição de Fusão com os Outros, não inclui toda a carga teórica que está associada a esta subescala, tocando em alguns aspectos da subescala de Posição do “Eu”, o que poderá explicar o resultado. Na amostra Portuguesa o item 16 satura no factor 2, o que corresponde ao estipulado originalmente, o item 6 satura no factor 1 (juntamente com a maioria dos itens relativos à subescala de Reactividade Emocional) e o item 37 satura no terceiro factor (este factor na amostra Portuguesa apresenta uma maioria de itens correspondentes à subescala de Posição do “Eu”).

A subescala Posição do “Eu”, corresponde na amostra Portuguesa ao

factor 3 (10 itens com saturações entre .306 e .635) e na amostra Espanhola ao segundo factor (15 itens com valores de saturação entre .295 e .647). Ambos os factores de cada amostra apresentam 9 itens da subescala PE, sendo que na versão Portuguesa apenas os itens 43 e 35 não saturam neste factor e na versão Espanhola não saturam os itens 4 e 43. O item 43 (em falta em ambas as estruturas factoriais), como anteriormente referido, satura no factor 1 tanto para a amostra Portuguesa como para a Espanhola. Este item reporta-se a um aspecto mais geral da Diferenciação do *Self* (conceito multidimensional), relacionando-se com muitos aspectos que se encontram interligados.

Por fim, o quarto factor, embora composto por poucos itens para ambas as estruturas factoriais, apresenta algumas semelhanças entre as amostras dos dois países. Ambas, apresentam um quarto factor constituído por quatro itens com saturações relativamente fortes (na amostra Portuguesa há uma variação entre .326 e .810, e na amostra Espanhola variam entre .387 e .836). Os itens 22 (“Tento corresponder às expectativas dos meus pais”), 9 (“Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim”) e 45 (“Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões”) saturam em ambas as soluções factoriais no factor 4. Uma análise mais pormenorizada dos itens pertencentes a esta subescala, permite observar que todos os itens que dizem respeito, directamente, à dependência/fusão com as figuras parentais se encontram neste mesmo quarto factor, o que poderá estar relacionado com a importância que é dada à família tanto em Portugal como em Espanha (países que, embora rivais durante muitas épocas, “cresceram” juntos e partilharam não só a mesma Península, mas também tradições, histórias, vivências, crenças¹²). Tal como referido por Rodríguez (2009) embora Portugal e Espanha sejam considerados países individualistas (Hofstede, 2001 citado por Rodríguez, 2009), há certas diferenças relativamente aos restantes países da Europa Ocidental e Norte Americanos (também considerados pelo mesmo autor como países com culturas predominantemente individualistas) como, por exemplo, o papel e valor da família. Tal como anteriormente referido, Lam e Chan-So (2010) definiram para a população Chinesa cinco factores, de entre os quais o quinto factor avaliava, explicitamente, a Fusão com a Família. Perante os resultados obtidos para ambas as amostras deste trabalho de investigação, é possível que a mesma divisão realizada na China entre Fusão com os Outros e Fusão com a Família possa ser útil na avaliação da Diferenciação do *Self* nos países ibéricos. Uma segunda explicação para estes resultados, pode prender-se com o facto de uma forte percentagem dos inquiridos da população Portuguesa se encontrar numa faixa etária entre os 20-24 anos e 28.5% ser Estudante, fase esta em que os jovens se encontram na sua grande maioria dependentes dos pais¹³ e, portanto, as suas escolhas

¹² Durante séculos Portugal e Espanha lutaram por território, procurando sempre definir-se como países independentes e, no entanto, foram essas mesmas guerras que marcaram a posição de cada país e as linhas sobre as quais as relações na península se deveriam orientar para uma vivência pacífica e justa.

¹³ De acordo com Martins, Mauritti e Costa (2005) , 79,8% dos estudantes Portugueses não dedicam nenhum tempo semanal a trabalho remunerado.

devem passar pela opinião dos mesmos (a ausência de informação relativamente à amostra Espanhola impossibilita-nos de inferir se esta justificação também é plausível na explicação daqueles resultados).

Um último comentário prende-se com a análise da consistência interna do inventário utilizado. De acordo com Kline (1993) a consistência interna de uma escala depende do número de itens que essa escala apresenta. Quanto maior o número de itens, maior a consistência interna. Em geral, as duas escalas apresentam valores de alfa classificados como muito bons (amostra Portuguesa .858 e amostra Espanhola .885) (DeVellis, 2003). Nos EUA, o resultado obtido para a escala total DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) é de .92, sendo, como esperado (dado que o DSI-R, para além de ter sido construído para a população Norte Americana, é uma versão cujas propriedades psicométricas foram já trabalhadas no sentido de melhorar a consistência interna do inventário), superior ao obtido para as amostras presentes nesta investigação.

Relativamente aos resultados obtidos nos coeficientes de correlação item-escala total para os 46 itens, é possível observar alguns que pontuam abaixo de .20 (Kline, 1993) em ambas as escalas, como anteriormente referido. Destes itens, o 19, 31, 32, 37 e 45 pontuam em ambas as amostras abaixo de .20 o que poderá estar relacionado com o nível de dificuldade na compreensão dos mesmos ou do seu conteúdo remeter para aspectos mais periféricos da Diferenciação do *Self*, o que pode fazer divergir os resultados não reflectindo uma ligação forte com nenhum dos construtos medidos em cada uma das subescalas. Uma outra explicação poderá prender-se com uma confusão entre o que é o real e o ideal, por exemplo, o item 19 – “Não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar” – poderá ser considerado, de forma racional, como óbvio, no entanto, quando confrontadas com a situação, essas mesmas pessoas poderão cogitar e aborrecer-se com situações passadas. Uma outra hipótese explicativa para os itens com baixo valor pode prender-se com a fraca homogeneidade das amostras, que acaba por traduzir-se num fraco poder discriminativo dos itens.

As limitações deste estudo prendem-se, num primeiro aspecto, com a fraca homogeneidade das amostras. A amostra Espanhola apresenta uma elevada percentagem (68.3%) de indivíduos do sexo feminino e 23% da amostra encontra-se na faixa etária dos 25-29 anos, sendo estas limitações condicionadoras das interpretações dos resultados e das generalizações que daí possam advir. Além destes aspectos, a amostra Espanhola foi recolhida com recurso à internet, o que comporta algumas vantagens e desvantagens relativas às amostras recolhidas em formato de papel e lápis. As vantagens deste método de recolha são: a) a administração do teste é sempre igual, não estando dependente do investigador que o apresenta e não correndo risco de alguns sujeitos obterem mais informação relativa ao teste que outros (esta é uma limitação da amostra Portuguesa, sendo que a amostra foi recolhida por duas pessoas diferentes, embora todas as indicações fossem claras na folha de rosto, as indicações dadas pelo investigador podem interferir nas respostas dadas); b) permite a obtenção de um maior número de sujeitos a

custos reduzidos (Kline, 1993). As limitações deste método de recolha são: a) o acréscimo das dificuldades na recolha de dados em pessoas de idade mais avançada e indivíduos com baixas capacidades cognitivas, pois estes sujeitos sentem mais dificuldades na utilização de sistemas computadorizados; b) os estudos de Hedl, O'Neil e Hansen (1973 citados por Kline, 1993) apontaram para o facto de testes administrados via computador produzirem níveis mais elevados de ansiedade e atitudes mais pobres perante o teste do que os testes tradicionalmente passados através de papel e lápis (Kline, 1993).

A amostra Portuguesa apresenta como limitações, não só o tamanho da amostra, mas, também, a pouca homogeneidade nas idades, sendo que, 25.3% dos sujeitos se encontram na faixa etária de 20-24 anos. Por outro lado, a grande maioria dos sujeitos reside nas regiões Norte e Centro do país, sendo que a região geográfica com maior densidade populacional (INE, 2002) – Lisboa –, apresenta nesta investigação uma representação pouco simbólica (9.6%).

Conclusão

Esta é uma investigação que se centra essencialmente nos primeiros estudos de tradução, adaptação e validação do Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto, para a população Portuguesa e Espanhola. Embora em Espanha este projecto já tenha começado anteriormente (Rodríguez, 2009), o processo de validação e aperfeiçoamento das propriedades psicométricas de uma escala implica vários estudos, sendo este trabalho considerado um processo em constante crescimento.

A tradução do Inventário de Diferenciação do *Self* para a língua Portuguesa, passou por um processo rigoroso, que incluiu duas traduções independentes e posterior integração numa única versão, uma avaliação da compreensibilidade dos itens por 30 sujeitos, a realização de duas retroversões, ambas sujeitas à análise crítica pela autora original do DSI – Elizabeth Skowron – esses procedimentos permitem transmitir alguma segurança a um trabalho que pode ser conotado como problemático, dada a possibilidade de perda e transformação da informação a que uma tradução está sujeita.

Os resultados obtidos nas estatísticas descritivas, nos estudos de análise factorial exploratória e na análise da consistência interna, permitem observar uma forte relação entre os resultados para as amostras recolhidas com as duas versões, facto algo expectável dada a proximidade geográfica e cultural destes países.

A estrutura de quatro factores, tal como referido na discussão, não parece ser a indicada para a amostra Portuguesa e Espanhola, sendo necessária uma investigação mais rigorosa no sentido de compreender o conceito de Fusão com os Outros para estas populações. Tal como anteriormente referido, o papel da família na população Espanhola é considerado por Rodríguez (2009), um aspecto diferenciador relativamente às restantes culturas, consideradas individualistas. Dada a óbvia aproximação geográfica, cultural, linguística e atendendo aos resultados obtidos na análise factorial, parece que os resultados obtidos com a população Portuguesa indicam que não se poder avaliar num mesmo conceito a Fusão Familiar e a Fusão com os Outros.

No que diz respeito, a análise da consistência interna, embora os resultados sejam aceitáveis, poderão ser melhorados, sendo possível retirar/alterar alguns dos itens problemáticos (cujo os valores das correlações item-total são inferiores a .20 em ambas as amostras), e a criação de novos itens cuja compreensão seja menos ambivalente. Por exemplo, relativamente ao item 19, poder-se-ia alterar para, “Por vezes, sinto-me aborrecido com coisas que já não podem ser mudadas”, relativamente ao item 31, poder-se-ia alterar para “Por vezes deixo de fazer o que considero que está correcto, só para obter a aprovação dos outros”.

O crescente número de artigos em revistas de renome acerca do debate relativo à universalidade dos postulados da teoria de Bowen e as implicações que o grau de Diferenciação do *Self* tem noutras variáveis psicológicas (e.g., ansiedade), demonstra o interesse e a relevância das investigações

realizadas neste campo. Assim, um dos aspectos mais relevantes desta investigação prendia-se com a necessidade da realização de estudos em diferentes culturas usando o DSI-R, para a validação do construto apresentado por Bowen relativamente à universalidade da sua teoria. A proximidade das pontuações obtidas no IDS-R para a amostra Portuguesa e Espanhola, parece indicar uma similitude na compreensão do construto, o que se pode considerar como uma primeira aproximação à constatação da confirmação da hipótese da universalidade. Contudo, trata-se apenas de um primeiro passo. É necessário continuar com o processo de validação do IDS-R, para posteriormente analisar se a relação do grau de Diferenciação do *Self* com outras variáveis psicológicas relevantes (tais como: a satisfação marital), apresenta o mesmo padrão que o encontrado na população dos EUA.

Ainda relativamente à universalidade da Teoria de Bowen, embora já se encontrem vários estudos em diferentes culturas, estes não são suficientes para comprovar o postulado de universalidade. Para que tal ocorra é necessário um investimento em formas alternativas de avaliação que sejam adaptadas à população analfabeta (como o uso de entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas, evocação através de imagens ou sons, observação directa, entre outros), dado que o debate sobre a universalidade da Teoria de Bowen não se refere apenas à aplicabilidade em diferentes culturas mas, também, entre pessoas com qualquer grau de formação. A procura de formas alternativas de avaliação da Diferenciação do *Self* está, actualmente, a orientar-se no sentido de correlatos psicofisiológicos (e.g., ritmo cardíaco, condutividade da pele, etc.) dos construtos teóricos definidos por Bowen e recolhidos através do DSI-R. A possibilidade de avaliar o grau de Diferenciação do *Self* através destes indicadores psicofisiológicos poderia resultar numa fiabilidade muito elevada para a avaliação deste construto em pessoas de todas as classes sócio-culturais e de todos os países, incluindo pessoas analfabetas. Elizabeth Skowron acaba de finalizar uma investigação orientada neste sentido (Skowron, comunicação pessoal, Abril, 2011).

Dados os resultados e conclusões apresentadas surge a necessidade de realizar novas investigações que se centrem em questões como: revisão dos itens em ambas as versões; recolha de uma amostra estratificada e representativa da população Portuguesa; novos estudos de análise factorial e de consistência interna e outros estudos de evidência de precisão (e.g., estabilidade temporal) e validade; estudos mais aprofundados no sentido de desenvolver uma versão ibérica do IDS-R (dadas as semelhanças nos resultados obtidos nesta investigação).

Encerra-se esta dissertação de Mestrado com a expectativa, de este trabalho representar o primeiro de muitos passos que virão a ser realizados no processo de adaptação do DSI-R para a população Portuguesa.

Bibliografia

- Almeida, L.S. & Freire, T. (2008). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Anderson, S. A., & Sabatelli, R. M. (1990). Differentiating differentiation and individuation: Conceptual and operation challenges. *The American Journal of Family Therapy*, 18, 32-50.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Aronson.
- Bray, J., Williamson, D., & Malone, P. (1984). Personal authority in the family system: Development of a questionnaire to measure personal authority in intergenerational family processes. *Journal of Marital and Family Therapy*, 10, 167-178.
- Charles, R. (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of self, triangulation, and fusion?. *The American Journal of Family Therapy*, 29, 279-292.
- Chung, H., & Gale, J. (2009). Family functioning and self-differentiation: A cross-cultural examination. *Contemporary Family Therapy*, 31, 19-33. doi: 10.1007/s10591-008-9080-4
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and applications* (2nd ed.). London: SAGE.
- Instituto Nacional de Estadística. (2011). *Poblaciones referidas al 1 de enero de 2010 por provincias y sexo*. Madrid: INE. Disponível em <http://www.ine.es/jaxi/tabla.do?path=/t20/e260/a2010/10/&file=pro001.px&type=pcaxis&L=0>
- Instituto Nacional de Estatística (s.d.) *Metainformação: Conceitos estatísticos – Território*. Acedido em <http://www.ine.pt>
- Instituto Nacional de Estatística. (2002). Censos 2001: Resultados definitivos. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=71467&DESTAQUESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística. (2003). *Censos 2001: Antecedentes. metodologia e conceitos, IV recenseamento geral da habitação*. Lisboa: INE. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=11067301&PUBLICACOESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). Principais indicadores: População residente. Lisboa: INE. Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_mai
- Kerr, M. E. (2003). *La historia de una familia. Un libro elemental sobre la teoría de Bowen*. Washington, DC: Centro de la Familia de Georgetown.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: An approach based on Bowen theory*. New York: WW Norton & Co.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: An approach based on Bowen theory*. New York: WW Norton & Co.

- Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Knauth, D. G., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric Evaluation of the Differentiation of Self Inventory for Adolescents. *Nursing Research*, 53(3), 163-171.
- Lam, C. M., & Chan-So, C. Y. (2010). *Report on validation of the Chinese version of the Differentiation of Self Inventory (C-DSI)*. Hong Kong: International Social Service Hong Kong Branch.
- Licht, C., & Chabot, D. (2006). The Chabot Emotional Differentiation Scale: A theoretically and psychometrically sound instrument for measuring Bowen's intrapsychique aspect of differentiation. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 167-180. Acedido em:
<http://proquest.umi.com/pqweb?did=1033253031&sid=1&Fmt=6&clientId=40477&PQT=309&VName=PQD>
- Martins, S. C., Mauritti, R. & Costa, A. F. (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. Disponível em:
www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/.../ESTUDONACIONAL.pdf
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(4), 453-466.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos (7ª ed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Pallant, J. (2003). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS dor Windows (version 12)*. Maidenhead, Berkshire: Open University Press.
- Pessoa, F. (1997). *O guardador de rebanhos e outros poemas*. Lisboa: Editora Cultrix.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodríguez, M. (2009). *El desarrollo afectivo y la construcción de la relación de pareja: estudio sobre la relación entre la Diferenciación del Self la Satisfacción Marital y el Funcionamiento Familiar*. Universidad Pontificia Comillas: Diploma de Estudios Avanzados.
- Skowron, E. A. (1995). *The Differentiation of Self Inventory: Construct Validation and Test of Bowen Theory*. Tese de doutoramento não publicada: University of Albany.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. L. (1998). The differentiation of self inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 235-246.
- Skowron, E. A., Holmes, S. E., & Sabatelli. R. M. (2003). Deconstructing differentiation: Self regulation, interdependent relating, and well-being in adulthood. *Contemporary Family Therapy*, 25, 111-129.

- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29 (2), 209-222.
- Skowron, E. A., Van Epps, J. J., & Cipriano, E. A. (*in press*). Toward greater understanding of differentiation of self in Bowen Family Systems Theory: Empirical developments and future directions. In C. Rabin & M. Mikulincer (Eds.). *Differentiation of self: Theory, research, and clinical applications*.
- SPSS Inc. (2008). *Statistical Package for the Social Sciences* (Version 17.0 for Windows) [Software de Computador]. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Tuason, M. T., & Friedlander, M. L. (2000). Do parents' differentiation levels predict those of their adult children? and other tests of Bowen theory in a Philippine sample. *Journal of Counseling*, 47(1), 27-35. doi: 10.1037//0022-0167.47.1.27

Anexos

Anexo A: Questionário de Dados Sócio-demográficos

**DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS
IDS-R**

VERSÃO EXCLUSIVA PARA INVESTIGAÇÃO

1. DADOS PESSOAIS

Idade: _____ Anos

Género: Masculino Feminino

Estado civil: Solteiro/a
Casado/a
União de facto
Separado/a ou divorciado/a
Viúvo/a

Nacionalidade: _____

Residência: Localidade _____
Concelho _____

2. QUALIFICAÇÃO ACADÉMICA:

- 1) 1º Ciclo incompleto
- 2) 1º Ciclo
- 3) 2º Ciclo
- 4) 3º Ciclo
- 5) Secundário ou curso profissional
- 6) Ensino superior:
 - 6.1 Bacharelato
 - 6.2 Licenciatura
 - 6.3 Pós-graduação
 - 6.4 Mestrado
 - 6.5 Doutoramento

3. PROFISSÃO: _____

4. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Indique as pessoas que compõem o seu agregado familiar (pessoas que habitualmente vivem em sua casa) (ex: pai, mãe, irmão, namorado, marido, avó, neto):

Tem filhos? Sim Não

Número de filhos: 1 2 3 Mais de 3

Idade(s) dos seus filhos: _____

5. RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Encontra-se comprometido numa relação estável (ex. namoro, casamento)?

Sim Não

Em caso afirmativo, indique a duração da relação:

Menos de 1 ano

1-3 anos

3-7 anos

7-10 anos

10-25 anos

25-35 anos

Mais de 35 anos

Anexo B: Inventário de Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R)

IDS-R **INVENTÁRIO DE DIFERENCIAÇÃO DO SELF-REVISTO**

(DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003)

Estas são questões que se referem aos seus pensamentos e sentimentos acerca de si próprio e das suas relações com os outros. Por favor, leia atentamente cada afirmação e decida se esta é geralmente verdadeira para si, numa escala de 1 (nada) a 6 (muito). Se acha que uma afirmação não se aplica a si (por exemplo, actualmente, não está casado(a) ou comprometido(a) numa relação, ou um ou ambos os pais já faleceram), por favor responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação. Certifique-se que responde a todos os itens e procure, dentro do possível, ser o mais sincero e preciso nas suas respostas.

| | | NADA | | | | MUITO | |
|-----|--|------------|---|---|---|------------|---|
| | | VERDADEIRO | | | | VERDADEIRO | |
| | | PARA MIM | | | | PARA MIM | |
| 1. | As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. | Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas que me são queridas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. | Sinto-me, frequentemente, inibido(a) junto da minha família. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. | Tendo a manter-me bastante calmo(a), mesmo sob stress (sob pressão). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. | Normalmente, preciso de muito encorajamento por parte de outros quando começo um trabalho ou tarefa importante. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. | Quando alguém que me é próximo me desilude, afasto-me dele/dela por um tempo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. | Independentemente do que aconteça na minha vida, sei que nunca perderei a noção daquilo que sou enquanto pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. | Tendo a distanciar-me quando as pessoas se aproximam demasiado de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. | Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. | Gostaria de não ser tão emotivo(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

| | | | | | | | |
|-----|---|---|---|---|---|---|---|
| 11. | Normalmente, não altero o meu comportamento apenas para agradar a outra pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. | O(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre algumas coisas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. | Quando o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me critica, isso incomoda-me durante dias. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. | Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. | Quando estou a ter uma discussão com alguém, consigo separar os meus pensamentos acerca do assunto dos meus sentimentos para com essa pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. | Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiado de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. | Sinto necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. | Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. | Não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. | Estou preocupado(a) por perder a minha independência nas relações íntimas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. | Sou excessivamente sensível a críticas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. | Tento corresponder às expectativas dos meus pais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. | Aceito-me bastante bem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. | Sinto, frequentemente, que o(a) meu (minha) esposo(a)/companheiro(a) exige demasiado de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. | Concordo, frequentemente, com os outros apenas para não criar conflitos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. | Se tiver tido uma discussão com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), tendo a pensar nisso o dia todo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. | Sou capaz de dizer “não” aos outros mesmo quando me sinto pressionado por eles. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. | Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. | Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda me conseguem fazer sentir terrivelmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 30. | Se alguém está aborrecido comigo, não consigo aceitar isso facilmente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

| | | | | | | | |
|-----|--|---|---|---|---|---|---|
| 31. | Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correcto, do que em obter a aprovação dos outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 32. | Nunca consideraria voltar-me para algum dos membros da minha família na procura de apoio emocional. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 33. | Sinto-me, frequentemente, inseguro(a) quando os outros não estão por perto para me ajudar a tomar uma decisão. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 34. | Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 35. | A minha auto-estima depende realmente do que os outros pensam de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 36. | Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 37. | Ao tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros irão pensar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 38. | Pergunto-me, frequentemente, acerca do tipo de impressão que crio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 39. | Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 40. | Sinto as coisas mais intensamente que os outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 41. | Normalmente, faço o que acredito que é correcto independentemente do que os outros dizem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 42. | A nossa relação poderia ser melhor se o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me desse o espaço de que necessito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 43. | Tendo a sentir-me bastante estável sob stress (sob pressão). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 44. | Por vezes, sinto-me mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 45. | Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 46. | Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Tradução e adaptação de Cátia Miranda, Míriam Rousselot, Sofia Major e Ana Paula Relvas (2010) (Mestrado Integrado FPCE-UC)

INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES

A presente investigação insere-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, na área de Sistémica, Saúde e Família da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e tem por objectivo proceder aos estudos de adaptação e validação de um questionário para avaliar os seus pensamentos e sentimentos acerca de si próprio e das suas relações com os outros.

A participação neste estudo é **VOLUNTÁRIA** e será garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** dos resultados. Neste sentido, não será requerida a sua identificação (nome) em nenhum momento da investigação e os dados serão posteriormente inseridos numa base de dados para tratamento estatístico dos dados, com atribuição de um código a cada participante.

A sua colaboração neste projecto é da máxima importância, uma vez que permitirá proceder à validação de um questionário muito relevante para a investigação desenvolvida na área da terapia familiar/sistémica no nosso país.

Chamamos a sua atenção para o facto de, no questionário a que vai responder, não existirem respostas certas nem erradas e, ainda que algumas questões lhe possam parecer semelhantes, é fundamental que responda a todas.

Por favor, leia com atenção todos os itens e não deixe nenhum em branco.

A nossa equipa agradece, desde já, a sua disponibilidade e colaboração neste estudo.

Caso pretenda receber algum esclarecimento adicional, por favor contacte-nos:

- Cátia Miranda (Aluna de Mestrado Integrado da FPCE-UC)
E-mail: catia.fernandesmiranda@gmail.com
- Míriam Rousselot (Aluna de Mestrado Integrado da FPCE-UC)
E-mail: mi_rousselot@hotmail.com

Anexo D: Amostra Portuguesa (caracterização)

| Variáveis Sócio-demográficas | N | % |
|---------------------------------------|-----|------|
| Estado Civil | | |
| Solteiro(a) | 228 | 48.5 |
| Casado(a) | 208 | 44.3 |
| União de Facto | 21 | 4.5 |
| Separado(a) ou Divorciado(a) | 9 | 1.9 |
| Víuvo | 4 | 0.9 |
| Região Geográfica | | |
| Norte | 264 | 56.2 |
| Centro | 161 | 34.3 |
| Lisboa | 45 | 9.6 |
| Área de Residência | | |
| APU | 210 | 44.7 |
| AMU | 188 | 40.0 |
| APR | 72 | 15.3 |
| Qualificação Académica | | |
| 1º ciclo incompleto | 11 | 2.3 |
| 1º ciclo | 23 | 4.9 |
| 2º ciclo | 32 | 6.8 |
| 3º ciclo | 38 | 8.1 |
| Secundário ou curso profissional | 163 | 34.7 |
| Bacharelato | 16 | 3.4 |
| Licenciatura | 152 | 32.3 |
| Pós-graduação | 11 | 2.3 |
| Mestrado | 24 | 5.1 |
| Profissão | | |
| Forças Armadas | 2 | .4 |
| Quadros Superiores e Dirigentes | 12 | 2.6 |
| Profissões Intelectuais e Científicas | 49 | 10.4 |
| Técnicos e Profissionais Intermédios | 99 | 21.1 |
| Pessoal Administrativo | 28 | 6.0 |
| Serviços e Vendedores | 69 | 14.7 |
| Agricultores e Pescadores | 9 | 1.9 |

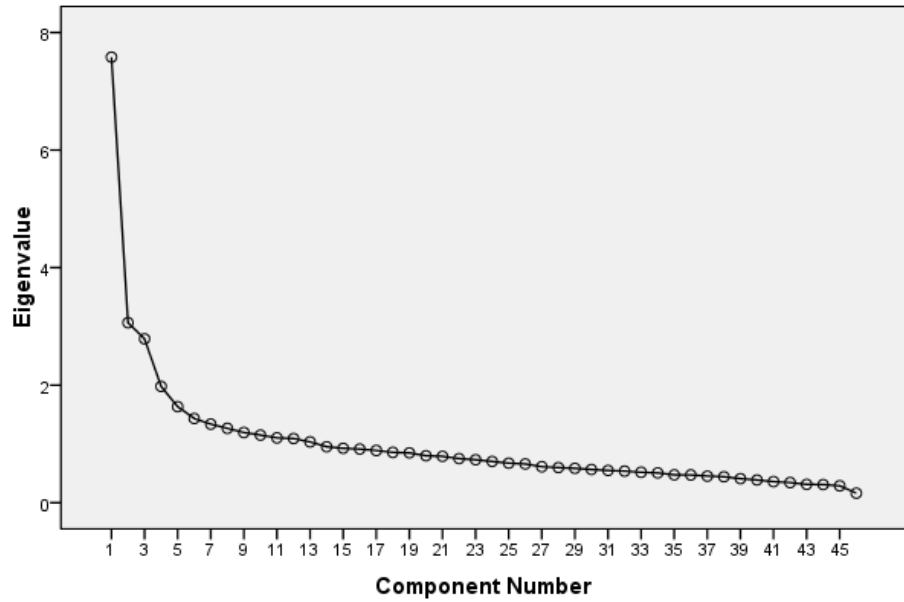
| | | |
|--------------------------------------|------------|--------------|
| Operários | 24 | 5.1 |
| Operadores de Instalação de Máquinas | 6 | 1.3 |
| Trabalhadores não qualificados | 11 | 2.3 |
| Estudantes | 134 | 28.5 |
| Outros | 27 | 5.7 |
| Etapa do Ciclo Vital | | |
| Formação do Casal | 41 | 8.7 |
| Família com filhos pequenos | 36 | 7.7 |
| Família com filhos na escola | 41 | 8.7 |
| Família com filhos adolescentes | 35 | 7.4 |
| Família com filhos adultos | 295 | 62.8 |
| Outros | 22 | 4.7 |
| Relação Estável | | |
| Sim | 338 | 71.9 |
| Não | 132 | 28.1 |
| Duração da Relação | | |
| Não tem Relação | 131 | 27.9 |
| Menos de 1 ano | 19 | 4.0 |
| 1-3 anos | 46 | 9.8 |
| 3-7 anos | 72 | 15.3 |
| 7-10 anos | 31 | 6.6 |
| 10-25 anos | 89 | 18.9 |
| 25-35 anos | 58 | 12.3 |
| mais de 35 anos | 24 | 5.1 |
| Total | 470 | 100.0 |

Anexo E: Matriz inicial não rodada com 13 factores e Scree-Plot – Portugal

| | Componentes | | | | | | | | | | | | |
|---------|-------------|-------|-------|-------|-------|---|---|------|---|-------|-------|----|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| Item 21 | .653 | | | | | | | | | | | | |
| Item 35 | .630 | | | | | | | | | | | | |
| Item 18 | .628 | | | | | | | | | | | | |
| Item 14 | .627 | | | | | | | | | | | | |
| Item 34 | .610 | | | | | | | | | | | | |
| Item 5 | .589 | | | | | | | | | | | | |
| Item 33 | .580 | | | | | | | | | | | | |
| Item 13 | .557 | | | | | | | | | | | | |
| Item 17 | .552 | | | | | | | | | | | | |
| Item 30 | .541 | | | | | | | | | | | | |
| Item 10 | .507 | | | | | | | | | | | | |
| Item 26 | .496 | | | | | | | | | | | | |
| Item 38 | .464 | | | | | | | | | | | | |
| Item 3 | .458 | | | | | | | | | | | | |
| Item 25 | .456 | | | | | | | | | | | | |
| Item 29 | .447 | | | | | | | | | | | | |
| Item 20 | .430 | | | | | | | | | | | | |
| Item 12 | .417 | | | | | | | | | | | | |
| Item 39 | .417 | | | | | | | | | | | | |
| Item 28 | .412 | | | | | | | | | | | | |
| Item 44 | .403 | | | | | | | | | | | | |
| Item 40 | .389 | | | | | | | | | | | | |
| Item 2 | .362 | | | | | | | | | | | | |
| Item 43 | | .450 | | | | | | | | | | | |
| Item 37 | | .446 | | | | | | | | | | | |
| Item 16 | | -.419 | | | | | | | | | | | |
| Item 32 | | -.404 | | | | | | | | | | | |
| Item 4 | | .392 | | | | | | | | | | | |
| Item 27 | | .342 | | | | | | | | | | | |
| Item 9 | | | -.523 | | | | | | | | | | |
| Item 22 | | | -.517 | | | | | | | | | | |
| Item 46 | | | -.513 | | | | | | | | | | |
| Item 7 | | | .503 | | | | | | | | | | |
| Item 41 | | | .453 | | | | | | | | | | |
| Item 31 | | | -.443 | | | | | | | | | | |
| Item 23 | | | .422 | | | | | | | | | | |
| Item 45 | | | | .424 | | | | | | | | | |
| Item 42 | | | | .424 | | | | | | | | | |
| Item 6 | | | | -.355 | | | | | | | | | |
| Item 24 | | | | | .515 | | | | | | | | |
| Item 36 | | | | | .424 | | | | | | | | |
| Item 8 | | | | | -.407 | | | | | | | | |
| Item 19 | | | | | | | | .386 | | | | | |
| Item 1 | | | | | | | | | | -.419 | | | |
| Item 11 | | | | | | | | | | | -.397 | | |
| Item 15 | | | | | | | | | | | | | -.500 |

% variância explicada = 57.93

Scree Plot



Anexo F: Matriz inicial não rodada com 11 factores e Scree-Plot – Espanha

| | Component | | | | | | | | | | | |
|---------|-----------|-------|-------|-------|-------|---|------|------|---|------|-------|--|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | |
| Item 35 | .739 | | | | | | | | | | | |
| Item 34 | .711 | | | | | | | | | | | |
| Item 17 | .704 | | | | | | | | | | | |
| Item 21 | .703 | | | | | | | | | | | |
| Item18 | .694 | | | | | | | | | | | |
| Item33 | .685 | | | | | | | | | | | |
| Item14 | .678 | | | | | | | | | | | |
| Item38 | .627 | | | | | | | | | | | |
| Item5 | .598 | | | | | | | | | | | |
| Item23 | .575 | | | | | | | | | | | |
| Item43 | .572 | | | | | | | | | | | |
| Item26 | .548 | | | | | | | | | | | |
| Item11 | .518 | | | | | | | | | | | |
| Item29 | .492 | | | | | | | | | | | |
| Item10 | .474 | | | | | | | | | | | |
| Item44 | .464 | | | | | | | | | | | |
| Item13 | .462 | | | | | | | | | | | |
| Item15 | .456 | | | | | | | | | | | |
| Item25 | .441 | | | | | | | | | | | |
| Item20 | .431 | | | | | | | | | | | |
| Item27 | .426 | | | | | | | | | | | |
| Item41 | .424 | | | | | | | | | | | |
| Item4 | .419 | | | | | | | | | | | |
| Item1 | .390 | | | | | | | | | | | |
| Item6 | .295 | | | | | | | | | | | |
| Item28 | | .524 | | | | | | | | | | |
| Item36 | | .524 | | | | | | | | | | |
| Item45 | | -.486 | | | | | | | | | | |
| Item32 | | .452 | | | | | | | | | | |
| Item46 | | -.431 | | | | | | | | | | |
| Item3 | | .369 | | | | | | | | | | |
| Item2 | | .361 | | | | | | | | | | |
| Item42 | | | .435 | | | | | | | | | |
| Item7 | | | -.337 | | | | | | | | | |
| Item22 | | | | .543 | | | | | | | | |
| Item9 | | | | .541 | | | | | | | | |
| Item40 | | | | -.344 | | | | | | | | |
| Item16 | | | | | -.467 | | | | | | | |
| Item8 | | | | | -.464 | | | | | | | |
| Item12 | | | | | .409 | | | | | | | |
| Item24 | | | | | .409 | | | | | | | |
| Item19 | | | | | | | .378 | | | | | |
| Item37 | | | | | | | | .517 | | | | |
| Item30 | | | | | | | | .368 | | | | |
| Item31 | | | | | | | | | | .482 | | |
| Item39 | | | | | | | | | | | -.438 | |

% variância explicada = 55.26

Scree Plot

